

INTRODUÇÃO GERAL

A Sagrada Escritura é uma fonte indispensável para falarmos da relação do homem com Deus. Nela encontramos um Deus que é amor e que, por amor, deseja partilhar com o homem a sua vida de plenitude. Deus tem gosto e alegria em partilhar com o ser humano que é feito a sua imagem e semelhança (cf. Gn 1, 26). Foi por um amor maior que Ele manifestou ao homem a sua única riqueza. O Verbo encarnou e fez-se carne (cf. Jo 1, 14), para que o homem possa participar da sua glória. Ele é a certeza do homem e a razão última da sua existência.

Sem a Sagrada Escritura é-nos impossível descobrir o amor de Deus pela humanidade. Na verdade, Deus dá a conhecer a sua vida divina a todos os homens. Ele vem ao seu encontro para lhe comunicar a sua graça. Assim, o seu coração está, todo ele, voltado para o ser humano. Ele deseja estar com o homem e, por isso, enviou o seu único Filho (cf. Jo 3, 16) como prova desse mesmo amor. Pela Palavra da Sagrada Escritura, o homem descobre o sentido da existência, daí que não descansa enquanto não repousar n'Ele (cf. Sl 62). Deus criou o homem para estar em plena comunhão com Ele.

Viver em comunhão com Deus é abrir-se à graça e responder ao seu chamamento. Todo o ser humano é chamado por Deus a realizar uma missão, porém esta só será cumprida quando o homem escuta com fé a sua mensagem.

Deus quer ver o homem feliz, mas não lhe impõe nada; respeita a sua liberdade. Ele é livre para escolher o caminho que conduz a Deus; Jesus disse: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém pode ir até ao Pai senão por mim” (Jo 14, 6). Jesus é o rosto de Deus; n'Ele, o homem encontra o verdadeiro caminho da felicidade. N'Ele, Deus disse o seu sim absoluto; Ele é a plenitude da sua revelação (cf. Mc 1, 11). Ele é a sua Palavra por excelência, a plenitude dos tempos, a promessa cumprida.

A Sagrada Escritura revela-nos que Deus enviou ao mundo o seu Filho, para que o homem O escute (cf. Mc 9, 7). Escutar a voz do Pai implica acreditar que Jesus é o seu enviado e, portanto, é a certeza da nossa fé. Ele garante-nos que a salvação vem d'Ele e que nunca nos abandona (cf. Mt 28, 20).

A beleza do amor de Deus revelada na Sagrada Escritura deixa o homem deslumbrado; convida-o à intimidade, ou seja, a um encontro de amor. O contacto com a Sagrada Escritura oferece ao homem uma vida nova, que o ensina a fazer sempre a vontade de Deus (cf. Mt 12, 50). Deste modo, podemos dizer que a Sagrada Escritura é uma fonte fundamental para que o homem discirna qual é a vontade do Pai a seu respeito. Descobri-la é um caminho a percorrer e um processo que engloba o homem todo.

Com o nosso presente trabalho queremos mostrar como é que a Sagrada Escritura é um critério ou um caminho de discernimento para todo o cristão, o que está bem presente nas *Fontes Franciscanas*.

O início deste caminho foi árduo, mas ao mesmo tempo desafiante e, no final, sem dúvida, consolador. Árduo, porque no começo foi difícil chegar a um consenso com o orientador sobre o tema do discernimento numa perspectiva bíblica, uma vez que S. Francisco não fala de discernimento como um caminho de busca da vontade de Deus. Mas foi desafiante procurar nos seus *Escritos* algo que eu sentira que estava lá, implícito, pois S. Francisco não precisou de falar sobre esta temática, uma vez que optou por viver em discernimento e nisso pôs em prática o EVANGELHO DE JESUS CRISTO, fazendo dele a sua regra de vida. Viver o evangelho foi para S. Francisco ir ao encontro da vontade de Deus, porque nele está o Verbo Encarnado, a Palavra de Deus. A atmosfera bíblica foi a fonte onde S. Francisco saciou a sua sede. Daí que seja possível, a meu ver, demonstrar que a Sagrada Escritura foi e é um critério de discernimento nas *Fontes Franciscanas*.

Escolhi este tema na natural sequência da minha relação com Deus. Foi aí que senti o desejo de descobrir, no quotidiano, qual é a sua vontade a meu respeito, como religiosa, Escrava da Santíssima Eucaristia e da Mãe de Deus, cuja espiritualidade é Eucarística, Mariana e Franciscana. Por outro lado, espero que o presente estudo seja um fio condutor para todos aqueles que desejam viver a sua vida cristã ou consagrada segundo a vontade de Deus, descobrindo em Jesus o caminho que conduz à felicidade plena.

Dizer que a Sagrada Escritura é um critério de discernimento nas *Fontes Franciscanas* significa que o seu autor, S. Francisco de Assis, encontrou nela o caminho verdadeiro que conduz a Deus. S. Francisco, ao longo da sua vida, descobriu que a Palavra de Deus tem uma riqueza admirável: é a fonte de água viva. Deixou-se encantar por ela, porque nela está aquele que sacia a fome da sua existência: Jesus Cristo, a Palavra encarnada. A sua relação com a Palavra é real e concreta, porque é Jesus Filho de Deus que está presente. Para o místico de Assis, a Palavra de Deus tem um rosto: Jesus de Nazaré, aquele que sendo rico se fez pobre por amor. Assim, a Palavra de Deus é algo fundamental na sua vida; é o alicerce da sua vida espiritual, a vida em Deus, portanto, uma vida de encontro e de comunhão com aquele que é a razão de ser de cada pessoa humana.

S. Francisco, ao contactar com a Sagrada Escritura, não tem uma perspectiva exegética. A sua relação com a divina Escritura, como ele a designava, tem uma dimensão cristológica. Ele é um contemplador da vida de Cristo e da sua Palavra. Assim, ao escutá-la, torna a sua regra de vida viver o evangelho. Para ele, o evangelho é o testemunho vivo da vida de Cristo. Nele Jesus mostra-nos o caminho a seguir: “Se alguém quiser vir comigo, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Mt 16, 24). Nisto consiste o sentido da sua vida: seguir Cristo pobre e humilde, por isso, escolheu ser pobre e seguir os seus passos. O pobre de Assis percebeu que seguir Jesus significa viver como Ele viveu, sem ter onde reclinar a

cabeça (cf. Mt 8, 20); mas também entendeu que ir atrás do Mestre implica acompanhá-lo até ao calvário, a ponto de dar a vida pelos irmãos e viver em fraternidade.

Importa ainda dizer que a vida do jovem de Assis patenteia um assumir a encarnação do Verbo de Deus, no sentido de que soube viver, de uma forma absoluta, a mensagem do evangelho. A presença dos estigmas no seu corpo testemunha-o. Por isso, considerar que a Sagrada Escritura é um critério de discernimento nas *Fontes Franciscanas* significa que, para o místico de Assis, o seu grande desejo consiste nisto: “O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e consumir a sua obra” (Jo 4, 34).

O nosso estudo está dividido em quatro capítulos, precedidos de uma introdução e seguidos de uma conclusão final. No primeiro capítulo, faremos uma breve introdução às *Fontes Franciscanas*, mostrando a importância do contexto religioso, social e cultural em que viveu S. Francisco, pois estas três áreas são fundamentais para compreendermos a sua história pessoal. De facto, é impossível compreender S. Francisco fora do seu contexto histórico. Embora não seja nosso objectivo desenvolver esse contexto, demos-lhe a importância necessária para compreendermos a dimensão espiritual, pois não podemos dissociar esta da época histórica. De seguida, falaremos da estrutura e dos temas mais relevantes nas *Fontes*, abordando a problemática da oração, da fraternidade, da humildade e da eucaristia, procuraremos fazer uma pequena reflexão, mostrando como é que S. Francisco os aplicou na sua vida.

No segundo capítulo falaremos dos *Avisos Espirituais de S. Francisco*, que contêm cerca de vinte oito *Exortações* e uma pequena reflexão sobre a verdadeira alegria. Nesta secção do nosso trabalho, pretendemos demonstrar a importância desta terceira sessão dos Escritos de S. Francisco, analisando o seu contexto e o seu sentido, segundo a perspectiva do jovem de Assis. Também falaremos da sua dimensão bíblica e cristológica, e reflectiremos

sobre a presença de várias citações do Evangelho de S. Mateus nos *Escritos* de S. Francisco. Por fim, realçaremos a ocorrência da palavra Bem-aventurança dentro destas *Fontes*.

O terceiro capítulo tratará do contexto bíblico das Bem-aventuranças. A abordagem será, toda ela, bíblica, e realçaremos o Evangelho de S. Mateus. Num primeiro momento, discutiremos o contexto bíblico das Bem-aventuranças, procurando entender o seu significado dentro da Sagrada Escritura e a sua importância no Evangelho de S. Mateus. Depois, falaremos do tema discernimento segundo a perspectiva de S. Francisco, mostrando o sentido das Bem-aventuranças como critério de discernimento nas suas *Exortações*. Dizer que S. Francisco é um mestre em discernimento significa que, ele soube viver de acordo com os dons do Espírito Santo, procurando sempre as coisas do alto, como diz S. Paulo na carta aos Colossenses (cf. Cl 3, 1-4). Toda a sua vida foi, em suma, uma busca de Deus, logo, uma vida em discernimento. Neste sentido, as suas *Exortações* mostram-nos a profundidade da sua fé, sendo um homem de fé; ele soube viver a mensagem das Bem-aventuranças com rigor. Elas foram para o místico de Assis a palavra viva do evangelho.

Por último, no quarto capítulo trataremos da importância da Sagrada Escritura na vida da Madre Trindade, fundadora das Religiosas Escravas da Santíssima Eucaristia e da Mãe de Deus, uma mulher que seguiu a espiritualidade de S. Francisco de Assis, pondo em prática o discernimento que este encontrou no evangelho, descobrindo que só a Palavra de Deus pode saciar a sua sede. Nasceu em Monachil, na província de Granada, em Espanha, no dia 28 de Janeiro de 1879 e recebeu o nome de Mercedes Carreiras Hitos. Mais tarde, entrando no convento Santo Antão, das Clarissas Capuchinhas em Granada, mudou o nome para Madre Trindade do Puríssimo Coração de Maria. Todavia, depois de estar neste convento cerca de trinta e três anos como monja capuchinha, sentiu o chamamento de Deus para fundar uma nova Congregação com um fim eucarístico, em que as religiosas fizessem, todos os dias, meia hora de adoração ao santíssimo sacramento, desagravando as inúmeras ofensas cometidas ao

coração de Jesus. Neste capítulo falaremos, portanto, da importância da Sagrada Escritura na sua vida. Depois, abordaremos a sua experiência espiritual como caminho de discernimento em busca da vontade de Deus. Citaremos alguns textos que demonstram que, apesar de ela não ter falado sobre o tema do discernimento de uma forma sistemática como os grandes mestres de espiritualidade falam (Santo Inácio de Loyola, S. João da Cruz, Santa Teresa de Ávila, entre outros), ao longo da sua vida, viveu sempre em discernimento, em busca da vontade de Deus.

Fazer a vontade de Deus era o que mais desejava, por isso não tomava nenhuma decisão sem antes perceber qual era a vontade do Pai. A oração é, em seu entender, o momento para discernir essa vontade. Nisto segue o exemplo do Mestre, que, antes de chamar os discípulos, passou noite a rezar a Deus Pai (cf. Lc 6, 12-16). Outro facto relevante da sua vida é a obediência aos seus directores espirituais e o acatar dos seus conselhos. Por fim, falaremos das semelhanças de discernimento em S. Francisco e em Madre Trindade, mostrando que, embora se trate de duas pessoas que viveram em épocas muito distintas, se verificam algumas semelhanças entre eles quanto à busca da vontade de Deus.

Para estes dois servos de Deus, fazer a vontade do Pai era o que mais desejavam, daí que, viver o evangelho de Jesus fosse o ponto culminante desta busca de Deus. Ambos são pessoas de fé no Filho de Deus, mas cada um se centra num aspecto específico da vida de Cristo. Para S. Francisco, o Cristo pobre, humilde e fraterno é aquele rosto que o encanta, por isso, se fez pobre, seguindo-O até ao fim. Para a Madre Trindade este rosto é eucarístico, é a hóstia santa, aquele que, por amor se torna o nosso alimento, oferecendo-se continuamente ao Pai no altar celeste. Eis o fundamento da sua fé, que explica que a eucaristia foi a razão de ser de toda a sua vida e que continua a sê-lo na vida das suas filhas, que são as Irmãs Escravas da Santíssima Eucaristia e da Mãe de Deus.

SIGLAS E ABREVIATURAS

*Sagrada Escritura*¹

Ap - Apocalipse de João

Cl - Carta aos Colossenses

1Cor – 1.^a Carta aos Coríntios

Dt - Deuterónimo

Ef - Carta aos Efésios

Ex - Êxodo

Fl - Carta aos Filipenses

Gl - Carta aos Gálatas

Gn - Génesis

Is - Profeta Isaías

Jo - Evangelho de S. João

1Jo – 1.^a Carta de S. João

Lc - Evangelho de S. Lucas

Mc - Evangelho de S. Marcos

Mt - Evangelho de S. Mateus

1Pe – 1.^a Carta de S. Pedro

Pr - Provérbios

Rm - Carta aos Romanos

1Rs – 1.^o Livro dos Reis

¹ Seguimos as siglas da Difusora Bíblica.

Sb - Sabedoria

Sl - Salmos

1Tm- 1.ª Carta a Timóteo

Fontes Franciscanas

Exort. - *Exortação*

FF - *Fontes Franciscanas*

Outras

Ed.- Editorial/Edições

SF- *Selecciones de Franciscanismo*

EE- *Escritos*

Trad.- Tradução

1. CAPÍTULO:

INTRODUÇÃO ÀS *FONTES FRANCISCANAS*

Introdução

Com este primeiro capítulo do nosso trabalho pretendemos fazer uma abordagem geral sobre as *Fontes Franciscanas*, destacando a importância do contexto histórico, social e cultural na vida do seu autor, sem a qual o nosso conhecimento sobre a vida e obra de S. Francisco de Assis ficaria diminuto. A contextualização das *Fontes* ajuda-nos a compreender a linguagem usada pelo jovem de Assis na sua obra, de cuja estrutura e conteúdo também nos ocuparemos.

1.1. Contextualização do autor dentro das *Fontes*

É impossível compreender S. Francisco fora do seu contexto histórico. Por isso, é importante ter em conta o ambiente cultural, religioso e histórico em que viveu, para que possamos perceber a sua história pessoal. Em termos cronológicos, S. Francisco situa-se nos séculos XII-XIII, período de grande impacto cultural e religioso, época de trevas e de luzes². É neste ambiente medievalista que S. Francisco vai marcar o seu tempo. Podemos dizer que a data decisiva da sua vida foi a de 1205, quando ainda jovem, ao entrar na capela de S. Damião, ouve uma voz vinda do crucifixo que lhe dizia: “Francisco, vai e repara a minha Igreja, que cai em ruínas”³. Estas palavras são sinais decisivos na vida do jovem de Assis. É a partir delas que o pobre de Assis procura descobrir qual é a vontade de Deus a seu respeito. Assim, no ano seguinte, em 1206, decide restaurar a igreja de S. Damião, que era uma capela dedicada ao culto de S. Pedro e a Porciúncula. Após este convite do Senhor, S. Francisco de Assis despoja-se de todos os bens materiais, que eram sobretudo paternos, e segue um caminho que Deus lhe escolheu. Neste contexto o jovem de Assis, num dia de festa de S.

²Cf. H. ALVES, *S. Francisco e a Palavra de Deus*, Ed. Centro de Estudos Franciscanos, Difusora Bíblica, Porto, 2011, 17.

³F. DE ASSIS, *FFI*, Ed. Franciscana, 3ª Edição, Braga, 2005, 18.

Matias, no dia 4 de Fevereiro de 1208, escutando a leitura do Evangelho de S. Mateus, (Mt 19, 21; 16, 24) descobre a sua vocação: a pobreza evangélica⁴. Em seguida modifica a sua forma de vestir, ficando apenas com uma túnica cingida por um cordão. Sendo um jovem sociável, a decisão que tomou teve impacto na vida dos seus amigos e também em seu pai. Mas, S. Francisco não vacilou. Muitos seguiram o seu exemplo, como Bernardo de Quintavalle e Pedro de Catânio, entre outros⁵. O seu desejo de querer corresponder ao convite de Deus era tão forte que pôs por escrito o que lhe ia na alma: o desejo de viver o evangelho de Jesus Cristo, que é a santa regra⁶.

Para S. Francisco, o evangelho é o fundamento da sua vida. Por isso, quando falamos deste jovem de Assis, temos de o relacionar com a Palavra de Deus, ou seja, o Verbo encarnado, pois este é o ponto central da sua vida. É a partir do encontro com a Palavra de Deus que S. Francisco estrutura a sua existência. Aquela palavra escutada na festa de S. Matias foi o ponto de partida para caminhar segundo os critérios da Sagrada Escritura. Nesta atmosfera de fé, o jovem vai discernir qual é a vontade de Deus, a vida prática a seguir⁷.

Como já foi dito, o evangelho é a fonte que contém a água para S. Francisco saciar a sua sede. Daí que salientemos a importância das *Fontes Franciscanas*. Não podemos dissociar estas *Fontes*, as *Franciscanas*, da outra fonte, a Palavra de Deus, porque aquela só existe na perspectiva da fé e da experiência do encontro com a Palavra encarnada na vida de S. Francisco de Assis. O sentido da fé é tão forte na sua vida, que todas as palavras das *Fontes* se fundamentam nas Escrituras. Nada do que está escrito nas *Fontes* está fora do contexto bíblico. As quinhentas e sessenta e nove citações bíblicas⁸ nas *Fontes* em análise provam a sua experiência espiritual, o seu diálogo com Deus, o seu enamoramento por Cristo, pobre e

⁴Cf. *Ibidem*, 19.

⁵Cf. *Ibidem*, 19.

⁶Cf. *Ibidem*, 19.

⁷Cf. H. ALVES, *S. Francisco e a Palavra de Deus*, 36.

⁸Cf. F. DE ASSIS, *FFI*, 56-78. 80.93-112.113.115-116.124-134.145-164.167-173.180-181.

humilde⁹. Nesta perspectiva pode afirmar-se que toda a sua vida foi, de facto, uma graça de Deus, um dom do seu amor.

1.2. Estruturação das *Fontes*

As *Fontes Franciscanas* têm uma estrutura muito bem definida. Logo no início, oferecem-nos uma visão conjunta de todo o conteúdo, pois começam com uma breve apresentação¹⁰. A seguir a esta apresentação, temos dois prólogos: um da terceira Edição e outro da segunda. O da terceira Edição foi dirigido pelo coordenador da mesma, Frei José António Correia Pereira, e o segundo prólogo, apresentado por Frei Manuel Marques Novo, coordenador desta Edição¹¹. Depois destes dois prólogos, temos uma outra apresentação da primeira Edição Franciscana, feita por Frei Manuel Marques Novo, Presidente do secretariado¹². Para além destes prólogos, há ainda outros elementos que constituem a parte introdutória, a saber: 1. listagem dos nomes dos vários colaboradores que participaram nestas *Fontes Franciscanas*¹³; 2. siglas e abreviaturas sobre a obra e a Biografia de S. Francisco; 3. textos espirituais, testemunhos estranhos à Ordem, revistas e colecções¹⁴; 4. um breve ensaio cronológico sobre a vida de S. Francisco de Assis¹⁵.

Depois desta introdução, os capítulos estão divididos em quatro partes. A primeira fala-nos dos *Escritos* de S. Francisco, destacando a importância de cada um dos seus textos e contextualização¹⁶.

Pertencem a estes *Escritos* as *Orações* de que fazem parte a oração diante do crucifixo de S. Damião; os louvores ao Deus Altíssimo; a bênção a Frei Leão; a *Exortação* ao louvor de Deus; a paráfrase do Pai-nosso; os louvores a dizer antes das horas; o ofício da paixão do

⁹Cf. F. DE ASSIS, *FFI*, 26.

¹⁰Cf. *Ibidem*, 7-8.

¹¹Cf. *Ibidem*, 9-12.

¹²Cf. *Ibidem*, 13-14.

¹³Cf. *Ibidem*, 15.

¹⁴Cf. *Ibidem*, 16-17.

¹⁵Cf. *Ibidem*, 18-22.

¹⁶Cf. *Ibidem*, 23-43.

Senhor; a saudação à Bem-aventurada Virgem; a saudação às virtudes, e, por fim, temos a oração sobre o cântico das criaturas¹⁷. Fazem parte das *Cartas*, as cartas a todos os fiéis, primeira e segunda redacção a carta aos governantes dos povos; a carta aos clérigos; a carta a toda a ordem; a primeira e a segunda carta aos custódios; a carta a um ministro; a carta ao irmão Leão; a carta a S. António e, por último, carta à irmã Jacoba¹⁸. Os *Avisos Espirituais* incluem as *Exortações* que S. Francisco escreve para exortar os frades a viverem segundo o evangelho de Jesus Cristo e uma breve perícopes acerca da verdadeira alegria¹⁹.

Os *Textos Legislativos* são a primeira e segunda regras; regra para os eremitérios; a forma de vida para Santa Clara e as normas sobre o jejum para a mesma²⁰; finalmente, temos as últimas recomendações, que incluem dois testamentos, mas o segundo é de Sena; a bênção ao Irmão Bernardo; a *Exortação* cantada a Santa Clara e as suas Irmãs, e a última vontade da mesma²¹. Cada um destes *Escritos* tem uma curta introdução que ajuda o leitor a compreender melhor o pensamento e a sua contextualização. Todos patenteiam o processo espiritual e humano de S. Francisco de Assis, ficando claro o seu grande desejo de querer fazer a vontade de Deus, que reconhece por intermédio da autoridade da Igreja.

A segunda parte desta obra incide nas Biografias, nas quais fazem parte: cartas de Frei Elias; vida primeira e segunda Tomás de Celano; tratado dos milagres de Tomás de Celano; legenda maior e menor de S. Boaventura; a legenda dos três companheiros²².

A terceira parte da mesma consiste nos *Textos Espirituais*. É constituída pelas florinhas de S. Francisco; considerações sobre as chagas; vida de Frei Junípero e mística aliança (*Sacrum Commercium*)²³.

¹⁷Cf. *Ibidem*, 45-81.

¹⁸Cf. *Ibidem*, 83-117.

¹⁹Cf. *Ibidem*, 119-136.

²⁰Cf. *Ibidem*, 137-174.

²¹Cf. *Ibidem*, 175-184.

²²Cf. *Ibidem*, 185-1128.

Por fim, temos a quarta parte intitulada de *Testemunhos Estranhos* à Ordem e outros fragmentos, aos quais pertencem as tábuas de concordâncias; um índice das florinhas de S. Francisco; um índice dos passos bíblicos citados; um índice analítico; um índice analítico dos *Escritos* de S. Francisco; um índice das Biografias; dois índices onomásticos (pessoas e lugares) e um índice geral²⁴.

1.3. Temas dentro das *Fontes Franciscanas*

1.3.1. Oração

Saber rezar é um dom de Deus, que significa estar em íntima relação com Ele. Por isso, a oração nunca pode ser algo imaginário e não é, nem pode ser, um acto isolado. Rezar é encontrar-se com Deus. Neste sentido, podemos dizer que rezar implica sempre um acto de fé diante de algo que nos transcende, Deus. Rezar é expressar e viver o que acreditamos e buscamos²⁵. Segundo a perspectiva de Francesco Azzimonti, falar da problemática da oração em S. Francisco de Assis é, antes de mais, situar-se num clima de fé, porque é neste ambiente que se compreende a sua relação com Deus²⁶.

A fé é, para S. Francisco, o fundamento da sua intimidade com Deus, a vida do Espírito Santo em nós²⁷. Transparece da sua oração e da sua vida quotidiana o facto de ser um homem de fé. Daí que a sua oração não seja algo emocional, sensível, mas uma fé sólida e fecunda²⁸. S. Francisco não escreveu nenhum tratado sobre a teologia da oração e também não ensinou aos seus confrades um método de oração. Apesar disso, não deixou de ser “um guia seguro no caminho da união com Deus”²⁹. O movimento básico da oração de S. Francisco é a busca de Deus, o desejo de ver o rosto invisível e vivo de Deus a partir da sua própria

²³Cf. *Ibidem*, 1129-1372.

²⁴Cf. *Ibidem*, 1373-1550.

²⁵Cf. F. AZZIMONTI, “La oración de San Francisco”, *S F*, 7 (1974) 13 (trad. em castelhano de José López).

²⁶Cf. *Ibidem*, 13.

²⁷Cf. F. J. TOPPI, “Espíritu y vida de oración de nuestro Padre San Francisco”, *S F*, 7 (1974) 24-34 (trad. em castelhano de Salvador Biain e Rúben Camps).

²⁸Cf. F. DE ASSIS, *F F I*, *Introdução às orações*, 45-81.

²⁹É. LECLERC, “Francisco de Asís, maestro de oración”, *S F*, 56 (1990) 213 (trad. em castelhano de Rubén Camps).

experiencia humana³⁰. Na sua óptica oração é fulcral para descobrir a vontade de Deus; por isso, a sua vida é uma autêntica oração. Nela descobriu o verdadeiro sentido de louvar a Deus, pois Ele é o Bem Supremo. Segundo a visão de Francesco Toppi, a oração é, para S. Francisco, o lugar onde Deus irradia o seu amor, e onde ele Lhe responde com generosidade e alegria³¹. A oração é a expressão primária do seu forte desejo de Deus. Acerca disto diz Tomás de Celano o seguinte: “S. Francisco não era um homem de oração, mas era ‘a oração em pessoa’”³².

Na verdade, toda a sua vida deixava transparecer um profundo sentido de fé, um homem cheio de Deus. Por isso, estar em oração, para ele, significava procurar constantemente a vontade de Deus, submeter-se a Ele, adorá-l’O em espírito e em verdade³³.

Nesta perspectiva há que entender todos os textos de orações do jovem de Assis. Na sua mundividência, a oração é Jesus Cristo em pessoa, porque só Ele é digno de honra e glória; é n’ Ele que somos capazes de pronunciar o seu próprio nome, já que, por nós, não conseguimos. Na perspectiva acima descrita, afirma Sebastian López, que S. Francisco de Assis “sabe que a oração não nasce do homem, mas do Espírito Santo; é Ele quem põe nos nossos lábios a palavra certa, Ele pelo qual clamamos: ‘abba Pai’”³⁴. Na visão do jovem de Assis, é fundamental não apagar o Espírito de Deus que habita no interior de cada homem; há que ter o coração centrado em Deus, buscando sempre a sua vontade³⁵.

As suas orações não são textos formulários; pelo contrário, elas mostram-nos a vitalidade da sua profunda experiência cristã³⁶. Em S. Francisco, o sentido da oração não está no benefício do homem, mas em louvar a Deus, adorá-l’O e bendizê-l’O pelo seu imenso

³⁰Cf. F. AZZIMONTI, “La oración de San Francisco”, *S F*, 18.

³¹Cf. F. J. TOPPI, “¡Francisco, enséñanos a orar!”, *S F*, 19 (1978) 22 (trad. em castelhano de Salvador Biain e Rúben Camps).

³²F. DE ASSIS, *F F I*, 46.

³³Cf. É. LECLERC, “Francisco de Asís, maestro de oración”, *S F*, 215.

³⁴S. LÓPEZ, “Francisco, el hombre-oración”, *S F*, 7 (1974) 53.

³⁵Cf. *Ibidem*, 53.

³⁶Cf. F. AZZIMONTI, “La oración de San Francisco”, *S F*, 18.

amor que torna plena a esperança do homem³⁷. O seu grande segredo é estar em profunda intimidade com Cristo, pobre e humilde, no qual se une a Ele, convertendo-se ao seu evangelho. Segundo o autor, Francesco Toppi, a fonte donde brota esse encontro de intimidade é a Palavra de Deus assimilada e vivida³⁸, por isso esta Palavra é, para S. Francisco de Assis, fonte de vida, uma vida escondida em Deus e para Deus. Esta Palavra, segundo K. Esser, renova continuamente a pessoa de S. Francisco e transforma-o³⁹. Para este mesmo autor, a Palavra chega ao homem através da Sagrada Escritura, pois é aí que S. Francisco encontra a Palavra de Deus⁴⁰. Ainda citando K. Esser, ele afirma que, “para S. Francisco a Sagrada Escritura assegura-nos que quem estuda por esta fonte, busca com humildade e, sem se aperceber, chegará facilmente ao conhecimento de Deus e de si mesmo”⁴¹.

No pensamento de David de Azevedo, a maneira como o jovem de Assis contempla, reflecte e aplica a Sagrada Escritura à sua vida, mostra claramente a sua fé na Palavra de Deus⁴². É neste ambiente de fé que o santo de Assis se aproxima da Sagrada Escritura, descobrindo aí a Palavra redentora de Deus⁴³, o Verbo encarnado. É a partir desta Palavra que S. Francisco concretiza e torna real o seu encontro com Cristo. Na sua perspectiva, “o encontro com essa Palavra é, acima de tudo, um encontro com o mistério de Cristo, a Palavra encarnada, o Logos de Deus”⁴⁴. Daí que faça todo o sentido afirmar que a sua vida foi uma vida de oração, porque, a partir deste ambiente de fé, compreendemos a sua relação com Jesus. Partindo deste contexto, segundo o pensamento de Gilbert Forel⁴⁵, muitos autores consideram que o jovem de Assis foi um dos homens mais identificado com a pessoa de Cristo, pois ele é um homem de fé profunda. O segredo desta sua intimidade com Jesus está

³⁷Cf. F. J. TOPPI, “¡Francisco, enséñanos a orar!”, *S F*, 22.

³⁸Cf. *Ibidem*, 22.

³⁹Cf. K. ESSER, “La Palabra de Dios en San Francisco”, *S F*, 56 (1990) 198 (trad. em castelhano de Egon Küter e de José Vet. Herrero).

⁴⁰Cf. *Ibidem*, 197.

⁴¹*Ibidem*, 198.

⁴²Cf. D. DE AZEVEDO, (ed.), *Francisco de Assis nosso irmão*, Ed. Franciscana, Braga, 1995, 245.

⁴³Cf. *Ibidem*, 245.

⁴⁴J. LOURENÇO, “S. Francisco de Assis e a Palavra de Deus”, *Bíblica, Série Científica*, 18 (2009) 125.

⁴⁵Cf. G. FOREL, “Francisco, hombre de fe”, *S F*, 5 (1973) 119 (trad. em castelhano de Augusto Rieta).

em conhecer cada vez mais a sua pessoa. Nesta atmosfera de contemplação o santo de Assis descobre o amor gratuito de Deus⁴⁶ e, por sua vez, procura viver segundo a dinâmica deste amor. A vida de oração para S. Francisco de Assis assenta na abertura da alma à acção do Espírito, para que Deus faça dela o que quiser, transformando-a com o seu amor infinito. Estar sob a dependência desse Espírito fá-lo caminhar com Cristo, seguindo os seus passos⁴⁷. A oração para S. Francisco é um momento de profundo encontro com o rei supremo⁴⁸. Esta atitude leva-o a reconhecer Deus como o “sumo bem”, ao qual se deve todo o louvor, toda a honra e toda a glória⁴⁹.

Para Julio Micó este encontro de intimidade com a pessoa de Jesus não é automático, não é fruto de magia. Trata-se de uma relação que exige uma preparação; que requer um ambiente propício; que implica, ao longo do tempo, que se descubram as marcas de Deus no próprio homem⁵⁰. S. Francisco fala da sua relação com Deus de uma forma sucinta, mas com um tom original, que nos surpreende. Para Francesco Azzimonti, a oração em S. Francisco é uma atitude de espera e de vigília, diante do Filho de Deus; é uma atitude de fidelidade ao amor e também de adoração ao Deus vivo, em espírito e em verdade⁵¹. O Deus Altíssimo, Aquele que S. Francisco adora é o Deus de bondade, de amor e de paz. Esta faceta do Deus Altíssimo deslumbra-o, a ponto de o fazer cantar as suas maravilhas com ardor, contemplar e chamar todas as coisas criadas como irmãs, dentro da lógica do amor⁵². S. Francisco, para além de ser um homem contemplativo é um místico. Um místico sem fenómenos extraordinários, sem métodos doutrinários para apoiar a sua relação com Deus. Ele viveu a sua

⁴⁶Cf. J. MICÓ, “‘Adorar al Senõr Dios’: La oración de San Francisco”, *S F*, 56 (1990) 185.

⁴⁷Cf. É. LECLERC, “Francisco de Asís, maestro de oración”, *S F*, 216.

⁴⁸Cf. S. LÓPEZ, “Transcendencia y exclusividad de Dios en San Francisco”, *S F*, 3 (1972) 57.

⁴⁹Cf. F. J. TOPPI, “¡Francisco, enséñanos a orar!”, *S F*, 22.

⁵⁰Cf. J. MICÓ, “‘Adorar al Senõr Dios’: La oración de San Francisco”, *S F*, 185.

⁵¹Cf. F. AZZIMONTI, “La oración de San Francisco”, *S F*, 17.

⁵²Cf. S. LÓPEZ, “Transcendencia y exclusividad de Dios en San Francisco”, *S F*, 60.

vida com Deus de uma forma intuitiva e directa. Para S. Francisco a presença de Deus é uma presença: real, evidente e concreta⁵³.

1.3.2. Fraternidade

Falar da dimensão fraterna segundo a intuição de S. Francisco de Assis implica remontar ao ambiente social e cultural em que viveu. Segundo a perspectiva de Francis Beer, não é possível fazer um estudo profundo se não percebermos a importância do mesmo no mundo contemporâneo⁵⁴. Para este autor a relevância da dimensão fraterna inscreve-se num contexto sociológico⁵⁵. Sem querermos negar o peso incontestável do contexto histórico e sociológico para a compreensão deste tema, vamos centrar-nos mais no plano espiritual, isto é, tentaremos compreender com que sentido S. Francisco fala da vida fraterna. Deste modo não falaremos da vida fraterna desligada da vida de oração, pois os dois pilares interligam-se, e complementam-se.

Na visão de Afonso Pompei a vida fraterna segundo S. Francisco caracteriza-se, em primeiro lugar, por aceitar os irmãos como um dom de Deus⁵⁶. Viver a vida fraterna é viver na graça de Deus, porque Ele concede os irmãos, que são, ao mesmo tempo, dons e cruces, pois podem surgir momentos tanto de júbilo como de dor⁵⁷. A vida fraterna é, portanto, um lugar de conversão e de graça. Assim sendo, ela não é fruto da iniciativa humana, mas dádiva de Deus. Na perspectiva de S. Francisco viver a fraternidade é uma forma autêntica de viver o evangelho.

Em segundo lugar, a reciprocidade é também um elemento constitutivo imprescindível da comunidade fraterna. Para S. Francisco, a vida fraterna é consequência lógica de uma vida

⁵³Cf. J. MICÓ, “‘Adorar al Senõr Dios’: La oración de San Francisco”, *S F*, 187.

⁵⁴Cf. F. DE BEER, “La génesis de la fraternidad franciscana: ‘según algunas fuentes primitivas’”, *S F*, 31 (1982) 49.

⁵⁵Cf. *Ibidem*, 50.

⁵⁶Cf. A. POMPEI, “La fraternidad en los escritos de San Francisco en el primer siglo franciscano”, *S F*, 81 (1998) 426.

⁵⁷Cf. *Ibidem*, 427.

cristã vivida comunitariamente⁵⁸. Na sua perspectiva é critério fundamental a relação recíproca que existe entre os irmãos, tanto entre os que têm maiores responsabilidades como entre os que têm menores responsabilidades. Ela é um dom de Deus, porque descobre em cada irmão a dádiva de Deus⁵⁹. Mas, além disso, S. Francisco também a sente como cruz, quando se apercebe de que os irmãos se desviavam do chamamento de Deus quando esteve na capela de S. Damião⁶⁰. Falar de fraternidade, para S. Francisco, é falar da reciprocidade, da relação mútua entre os irmãos. Assim, viver desta forma é viver como um irmão, de forma real e concreta. Neste sentido podemos dizer que a vida fraterna é uma realidade interpessoal, uma questão de entrega e de amor. Como sublinhou Francis de Beer⁶¹, a fraternidade só pode ser vivida numa dimensão relacional, num gesto de serviço e de entrega.

Para S. Francisco, a atitude do serviço é a forma de estar que cada irmão deve assumir no seu quotidiano, porque é na dádiva ao outro e no amor, que Cristo viveu a sua entrega ao Pai, dando a vida pelas suas ovelhas⁶². Abrir-se ao outro é caminhar em direcção a Jesus Cristo e ao seu evangelho; reconhecer no próximo, rico ou pobre, afável ou hostil, um irmão é o supremo estima de Deus⁶³. É neste ambiente de serviço, de amor, de delicadeza e de cuidado com os mais frágeis que compreenderemos o verdadeiro sentido da vida fraterna, segundo S. Francisco⁶⁴. Deste modo, os irmãos são todos iguais são “irmãos menores”, pois são servos de todos; servem tal como Jesus serviu, Ele que se fez pobre e servo de todos⁶⁵. Viver em fraternidade implica, sem dúvida, viver como irmãos, exercitando o amor evangélico⁶⁶. Para S. Francisco o gesto da fraternidade entre os irmãos tem como fundamento

⁵⁸Cf. *Ibidem*, 428.

⁵⁹Cf. J. B. UBERGER, “La fraternidad franciscana”, *S F*, 53 (1989) 214.

⁶⁰Cf. *Ibidem*, 214.

⁶¹Cf. F. DE BEER, “La génesis de la Fraternidad franciscana”, *S F*, 50.

⁶²Cf. A. COLLOT, “La fraternidad en las admoniciones”, *S F*, 94 (2003) 143 (trad. em castelhano de José Juan López Valdivieso).

⁶³Cf. T. MATURA, “La fraternidad, realidad humana y signo evangélico”, *S F*, 15 (1976) 308.

⁶⁴Cf. *Ibidem*, 306.

⁶⁵Cf. I. É. MOTTE, “Se llamarán ‘hermanos menores’”, *S F*, 12 (1975) 275 (trad. em castelhano de Rubén Camps).

⁶⁶Cf. F. DE BEER, “La génesis de la fraternidad franciscano”, *S F*, 52.

as citações bíblicas como as que passo a citar: “...que vos ameis uns aos outros ...” (Jo 13, 34); “...Sede afectuosos uns para com os outros no amor fraterno” (Rom 12, 10); “...Pelo contrário: pelo amor, fazei-vos servos uns dos outros” (Gl 5, 13)⁶⁷.

Segundo S. Francisco assumir estes gestos significa seguir os passos do Mestre, que é ser servidor de Deus nos irmãos⁶⁸. Viver o evangelho foi o grande desejo do jovem de Assis. Por isso, viver como irmãos é antes de mais viver sob a acção do Espírito Santo, que guia os irmãos na fé de Jesus e do seu evangelho. O evangelho é o fundamento da existência de cada irmão, porque nele está a Palavra de Jesus, aquela que dá vida⁶⁹. Assim sendo, segundo o nosso pai S. Francisco, o Espírito Santo é aquele que uniu todos os irmãos num só amor, segundo o Espírito de Deus⁷⁰.

Viver como irmãos na comunhão fraterna não é o único objectivo da fraternidade. Viver desta forma implica uma outra dimensão: cumprir uma missão. Nesta perspectiva, missão significa que todos os irmãos são chamados a serem homens profundamente espirituais, de uma fé convincente, capaz de testemunhar na vida o evangelho de Jesus Cristo⁷¹. Para S. Francisco o Espírito de Deus inspira os irmãos a amarem-se uns aos outros como Cristo os amou⁷². Em S. Francisco, a vida fraterna tem um sentido cristológico muito profundo. Não há fraternidade sem Cristo, porque é d’ Ele que tudo parte e onde tudo culmina pela sua obediência ao Pai⁷³. Prova disto foi o mistério da encarnação, Morte e Ressurreição. Para S. Francisco, a razão última que justifica o sentido da vida fraterna, consiste no seguinte: “todos vós sois irmãos ... porque um só é o vosso Pai que está nos Céus”⁷⁴.

⁶⁷Cf. *Ibidem*, 53.

⁶⁸Cf. I. É. MOTTE, “Se llamarán ‘hermanos menores’”, *S F*, 280.

⁶⁹Cf. M. STEINER, “El Espíritu Santo y la fraternidad: según los escritos de San Francisco”, *S F*, 31 (1982) 77 (trad. em francês de Joaquín M. Beltrán).

⁷⁰Cf. *Ibidem*, 78.

⁷¹Cf. *Ibidem*, 80.

⁷²Cf. *Ibidem*, 87.

⁷³Cf. A. COLLOT, “La Fraternidad en las Admoniciones”, *S F*, 144.

⁷⁴Cf. N. SANTOS, “Fraternalidad franciscana”, *S F*, 21 (1978) 403.

1.3.3. Menoridade/Humildade

S. Francisco foi um homem que soube viver esta atitude segundo o evangelho de Cristo. Por isso atrevemo-nos a dizer que toda a sua vida se pautou pela entrega e pelo serviço. Ele encarnou esta Palavra levando-a até ao extremo, assumiu esta atitude seguindo os passos do Mestre. O vocábulo menoridade provém do latim “*minor*”, e traduz humildade, serviço, despojamento, desapropriação, simplicidade. Todas essas acepções, na nossa perspectiva, se aplicam perfeitamente à pessoa de S. Francisco que viveu de forma humilde e amou a todos como irmãos.

Na perspectiva bíblica ser humilde é reconhecer-se nada, ou seja, pobre diante de Deus, que é bondade infinita. Daí que possamos dizer que S. Francisco foi um homem muito humilde, ele que se reconhece como servo humilde de Deus e considera que tudo o que tem lhe foi dado por Deus⁷⁵. Não só reconhece a sua própria pobreza, como também reconhece a riqueza de Deus na natureza, por isso, canta, louvando o Deus Altíssimo e as suas maravilhas⁷⁶. Para o jovem S. Francisco, ser humilde é viver numa atitude de pobreza interior e de silêncio para que Deus possa ser ouvido. Sem esta atitude é impossível entendermos o sentido da entrega de Jesus na cruz. Ele é o servo humilde e fiel; Aquele que se fez servo de todos por amor. Na visão de Martin Steiner⁷⁷, o servo humilde é aquele que se considera “menor entre todos”; é aquele que está disponível para Deus, está ao seu dispor sem nenhuma pretensão, querendo só o que Ele quer.

1.3.4. Eucaristia

S. Francisco não era um homem de grande erudição. Por isso, a sua fé não se fundamentava em grandes doutrinas, nem teve intenção sequer de escrever um tratado de

⁷⁵Cf. K. ESSER, “El humilde siervo de Dios: ‘17 Exhortación de San Francisco’”, *S F*, 5 (1973) 186 (trad. em castelhano de Jesús Sanjuán).

⁷⁶Cf. M. STEINER, “Seguir las huellas de la humildad de Cristo”, *S F*, 20 (1978) 194 (trad. em francês de Joaquín M. Beltrán).

⁷⁷Cf. M. STEINER “Todos vosotros, hermanos menores y siervos inútiles (1R 23,7): El ‘siervo’ en los escritos de San Francisco”, *S F*, 24 (1979) 376 (trad. em francês de José Carrillo).

teologia. Mas a maneira como vivia o sacramento da Eucaristia reflectia uma inequívoca interiorização da mensagem evangélica, ao compreender a presença de Cristo neste sacramento⁷⁸, ainda que de forma simbólica. Em todas as situações e circunstâncias procurava viver no amor e por amor a Cristo, reconhecendo-O nos mais pobres e enfermos. Em S. Francisco tudo está intimamente ligado. Não podemos falar do sacramento da Eucaristia sem ter em conta o tema da humildade, porque só a partir desta problemática entenderemos a entrega de Jesus na cruz. Como diz S. Paulo aos Filipenses (Fl 2, 6-7): “Ele, que é de condição divina, não considerou como uma usurpação ser igual a Deus; no entanto, esvaziou-se a si mesmo, tomando a condição de servo...”. A Eucaristia é, para S. Francisco de Assis, a suprema humildade; é Cristo na sua entrega total, uma entrega que implica amor, serviço, disponibilidade e despojamento⁷⁹. É nesta atitude de serviço e de fé que S. Francisco viveu este sacramento, aproximando-se cada vez mais de Jesus e da sua mensagem⁸⁰. A partir desta visão de fé, S. Francisco vê que aquele pão e aquele vinho é o verdadeiro corpo e sangue de Jesus⁸¹. N’Ele está a nossa salvação.

Na sua perspectiva, a Eucaristia é o fundamento da vida de todos os cristãos; alimento que sacia a fome de todos⁸². Segundo Manuel Amunárriz, na Eucaristia culmina a espiritualidade de S. Francisco⁸³. Viver este sacramento à maneira de S. Francisco implica não só comunhão com o corpo e o sangue do Senhor, a adoração silenciosa e amorosa do Santíssimo sacramento, o cuidado com as igrejas e os objectos sagrados e o respeito pelos sacerdotes; mas significa também a opção pelos pobres e marginalizados, imagens do menino frágil, sempre presente no seio de quem pratica o bem e anuncia a paz, a visão reconciliadora,

⁷⁸Cf. F. DE ASSIS, *FFI*, 124.

⁷⁹Cf. S. LÓPEZ, “Espíritu, Palabra, Eucaristía, Iglesia”, *SF*, 20 (1978) 279.

⁸⁰Cf. M. AMUNÁRRIZ, “*Load y bendecid a mi Señor*”: *El mundo interior de Francisco y Clara de Asís*, Ed. Franciscana, Arantzazu, 2002, 53.

⁸¹Cf. S. LÓPEZ, “La Eucaristía en la experiencia cristiana de Francisco y Clara”, *SF*, 72 (1995) 368.

⁸²Cf. M.^a C. FERNÁNDEZ, “La Eucaristía en los escritos de San Francisco de Asís”, *Verdad y Vida*, 238 (2003) 497.

⁸³Cf. M. AMUNÁRRIZ, “*Load y bendecid a mi Señor*”: *El mundo interior de Francisco de Asís y Clara de Asís*, 53.

com a Igreja, representada em cada irmão sacerdote. Partindo desta visão podemos dizer que S. Francisco tinha bem presente a advertência de S. Paulo quando diz: “Assim, todo aquele que comer o pão ou beber o cálice do Senhor indignamente será réu do corpo e do sangue do Senhor...” (1Cor 11, 27-29). Deste modo, não se cansa de a repetir nos seus *Escritos*, convidando “a todos os cristãos, religiosos, clérigos e leigos, homens e mulheres”⁸⁴, e ainda a todas “as autoridades e cônsules, juízes e reitores, em qualquer parte da terra”⁸⁵, os confrades que prestem reverência e honra ao santíssimo corpo e sangue de nosso Senhor Jesus Cristo⁸⁶. Nisto ficava evidente que o jovem de Assis vivia com ardor este sacramento, porque nele está a Palavra encarnada, ou seja, o Verbo feito carne⁸⁷.

Para S. Francisco a Eucaristia é o fundamento de toda sua vida. Nela está a razão da sua fé, o sentido da sua existência, a sua relação com a Palavra de Deus. Na sua perspectiva o mistério da Eucaristia é o supremo dom de humildade de Jesus, nela está o Deus Altíssimo⁸⁸, o onnipotente, o “sumo bem”, “todo bem”, o “Pai santo e justo”.

⁸⁴F. DE ASSIS, *FFI*, 96.

⁸⁵*Ibidem*, 104.

⁸⁶Cf. *Ibidem*, 108.

⁸⁷Cf. *Ibidem*, 96.

⁸⁸Cf. M. AMUNÁRRIZ, *‘Load y bendecid a mi Señor’: El mundo interior de Francisco de Asís y Clara de Asís*, 54.

2. CAPÍTULO:

OS AVISOS ESPIRITUAIS DE S. FRANCISCO DE ASSIS

Introdução

Depois de uma breve abordagem sobre as *Fontes Franciscanas* e a sua contextualização, realçando alguns temas relevantes. Neste segundo capítulo debruçar-nos-emos sobre o grupo das *Exortações* de S. Francisco⁸⁹. Na nossa explanação, falaremos da problemática dos temas deste grupo e incidiremos em particular, na sua origem, na sua organização, na sua importância, e da sua contextualização dentro das *Fontes Franciscanas*. Além destas questões, pretendemos realçar a dimensão bíblica e cristológica desta terceira sessão dentro das *Fontes*.

Para uma melhor compreensão dos temas, dividiremos o nosso capítulo em três áreas. Primeiro, faremos uma abordagem da contextualização e da organização deste grupo dentro das *Fontes*; a seguir, explicaremos, de forma breve sobre, como entender os *Avisos Espirituais*; por fim, abordaremos as *Exortações* no seu conjunto, subdividindo o nosso trabalho nas seguintes áreas: a dimensão bíblica e cristológica das *Exortações*; as citações do Evangelho de S. Mateus e, por fim, a ocorrência do vocábulo Bem-aventurança.

2.1. Contexto e organização dos *Avisos Espirituais* dentro das *Fontes Franciscanas*

Os temas dos *Avisos Espirituais* de S. Francisco de Assis dão-nos uma visão conjunta da vida de fé do seu autor e de todos os cristãos. De facto, nesta obra verificamos que há uma forte dimensão bíblica, cinquenta e três citações bíblicas, a propósito da sua relação com a Palavra de Deus, o Verbo encarnado⁹⁰. Com estas citações bíblicas, S. Francisco mostra-nos em que se fundamenta a sua fé. Assim, quando escreve tem sempre em mente Cristo o

⁸⁹ Cf. F. DE ASSIS, *FFI*, 124-134

⁹⁰ Cf. *Ibidem* 124-134.

“Caminho” a “Verdade” e a “Vida”⁹¹. Neste ambiente de fé, S. Francisco redige estes *Avisos Espirituais*, exortando os irmãos a viverem segundo a pobreza evangélica. Para ele a vida de pobreza e de fraternidade é fundamental para viver segundo o evangelho de Jesus⁹².

Para Martí Ávila I Serra o seguimento de Jesus e a vida de pobreza na visão do pai S. Francisco estão absolutamente interligados⁹³. Ser discípulo de Cristo implica seguimento, e ser pobre implica ser discípulo. Como disse Jesus: “Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz, dia após dia, e siga-me”(Lc 9, 23). Seguir Jesus significa desapropriar-se da sua vida própria e centrar-se somente em Deus, como S. Francisco fez. Toda a sua vida foi um despojamento total, tomando Deus como tudo.

Segundo o ponto de vista de Martí Ávila I Serra, as *Exortações* revelam-nos a forte preocupação do jovem de Assis em colocar Deus no centro do mundo, como Aquele que o orienta, e que o ensina a distinguir o bem do mal⁹⁴. Nisto assenta a sua vida espiritual, ou seja, a fé em Deus. No seu teocentrismo, a Palavra de Deus não é algo neutro, mas força e vida⁹⁵. Toda a sua vida se centrou na Palavra divina, cerne da sua vida espiritual, regra de vida. Por meio dela descobriu a sua vocação: viver o evangelho no serviço e na humildade, dando-se aos outros. Eis a disposição essencial para ir atrás do Mestre. Como nos diz Jesus no Evangelho de S. Mateus: “Sabeis que os chefes das nações as governam como seus senhores... Não seja assim entre vós. Pelo contrário, quem entre vós quiser fazer-se grande, seja o vosso servo; e quem no meio de vós quiser ser o primeiro, seja vosso servo” (Mt 20, 25-27); no Evangelho de S. Lucas Jesus afirma: “Pois, quem é maior: o que está sentado à mesa, ou o que serve? Não é o que está sentado à mesa? Ora, Eu estou no meio de vós como aquele que serve” (Lc 22, 27). Em S. João encontramos: “Na verdade, dei-vos exemplo para que, assim

⁹¹Cf. *Ibidem*, 124.

⁹²Cf. M. ÁVILA I SERRA, *Los ojos del espíritu: comentario a las ‘admoniciones’ de Francisco de Asís*, Ed. Franciscana, Arantzazu, 2001, 6.

⁹³Cf. *Ibidem*, 21.

⁹⁴Cf. *Ibidem*, 20.

⁹⁵Cf. *Ibidem*, 12.

como Eu fiz, vós fazeis também” (Jo 13, 15). Viver nesta atitude implica assumir com a sua própria vida aquilo que Jesus disse: “O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e consumir a sua obra” (Jo 4, 34). O pobre de Assis procurou durante toda a sua vida fazer o que Deus quer, seguindo a sua Palavra. S. Francisco é um homem teocêntrico, por causa da época em que viveu, por isso, às vezes, torna-se-nos difícil entender a sua linguagem, tantas são as influências religiosas que recebeu. Assim, pode parecer obscura a linguagem das *Exortações*, em primeiro lugar por ter vivido numa época de grandes movimentos heterodoxos⁹⁶; em segundo lugar, o seu discurso dualista nem sempre é transparente, como podemos comprovar ao ler as seguintes palavras: “espírito de carne e espírito do senhor; a letra mata o espírito vivifica, pobreza exterior e pobreza interior; verdadeiro servo de Deus e falso servo de Deus ...”⁹⁷. Cada uma destas *Exortações* tem um forte sentido ascético. Nelas verificamos a finura da vida espiritual de S. Francisco. Na visão de Martín Àvila I Serra muitas destas *Exortações* realçam a atitude de uma pessoa que viveu em busca da verdade; que pensa e que reflecte sobre a vida cristã⁹⁸.

Partindo desta perspectiva, podemos dizer que o jovem de Assis foi um homem com uma pedagogia invulgar; a sua atitude de simplicidade e de humildade deixam-nos deslumbrados. Lê-se no Evangelho de S. Lucas: “Porque todo aquele que se exalta será humilhado, e o que se humilha será exaltado” (Lc 14, 11). Ora S. Francisco viveu toda a sua vida nesta atitude, nada era seu, a sua única riqueza era Deus; viveu despachado de tudo⁹⁹, descobriu que aquele que era rico se fez pobre por amor. Viver como Jesus viveu é o sentido da sua vida espiritual.

Será que podemos dizer que a forma como ele escreve as *Exortações* está relacionada com a sua vida espiritual? Segundo Caetano Esser, as *Exortações* são profundas reflexões

⁹⁶Cf. *Ibidem*, 24.

⁹⁷*Ibidem*, 24.

⁹⁸Cf. *Ibidem*, 23.

⁹⁹Cf. *Ibidem*, 19.

teológicas¹⁰⁰, fruto de uma extraordinária vida interior, pois o santo de Assis escreve em relação directa com a sua vida espiritual. Na visão de Tadeo Matura, a obra tem uma estrutura própria, a forma como se estrutura mostra que nela há uma profunda vida interior de S. Francisco¹⁰¹. Os temas desenvolvidos revelam-nos uma literatura peculiar, semelhante aos discursos dos “Padre do deserto”¹⁰². A sua configuração difere dos outros *Escritos* do místico de Assis, porém a temática desenvolvida aproxima-se dos temas das cartas¹⁰³. A linguagem usada, apesar de simples, torna-se, por vezes, menos clara por causa do léxico e da sintaxe da frase¹⁰⁴.

Segundo Ávila Martí I Serra, as *Exortações* dão-nos uma visão conjunta da vida cristã de S. Francisco, a sua relação com a Palavra de Deus¹⁰⁵. O título do estudo de Tadeo Matura, “Las Admoniciones, llave y puerta de los Escritos de Francisco”, deixa claro a sua perspectiva de que as *Exortações* são uma obra fundamental para entender toda a produção de S. Francisco de Assis. Partindo desta perspectiva, diríamos que aquelas *Exortações* resultam de uma fecunda vida espiritual e que é também, a de qualquer cristão a caminho da verdadeira liberdade¹⁰⁶. Podemos, assim, perguntar em que contexto e com que objectivo S. Francisco escreveu estas *Exortações*. Não encontramos uma resposta clara. S. Francisco, provavelmente, não terá tido em mente fazer extensos discursos teológicos nem extensos tratados. O seu objectivo era ajudar os irmãos a viverem uma verdadeira vida interior, através da experiência de uma pessoa que procura Deus, que está enamorada por Ele e que tem uma fé profunda¹⁰⁷. Sendo um grande sábio, dádiva exclusiva de Deus para dar sentido à existência humana, ele exorta todos a viverem centrados n’Ele. Sobre a origem e a composição da temática em

¹⁰⁰Cf. C. ESSER, *As exortações de S. Francisco de Assis*, Ed. Franciscana, Braga, 1976, 10 (trad. em português de David de Azevedo).

¹⁰¹Cf. T. MATURA, “Las Admoniciones, llave y puerta de los escritos de Francisco”, *S F*, 86 (2000) 223 (trad. em castelhano de Juan Oliver).

¹⁰²Cf. *Ibidem*, 224.

¹⁰³Cf. M. ÀVILA I SERRA, *Los ojos del espíritu: comentario a las ‘admoniciones’ de Francisco de Asís*, 14.

¹⁰⁴Cf. T. MATURA, “Las Admoniciones, llave y puerta de los escritos de Francisco”, *S F*, 224.

¹⁰⁵Cf. M. ÀVILA I SERRA, *Los ojos del espíritu: comentario a las ‘admoniciones’ de Francisco de Asís*, 12.

¹⁰⁶Cf. T. MATURA, “Las Admoniciones, llave y puerta de los escritos de Francisco”, *S F*, 226.

¹⁰⁷Cf. M. ÀVILA I SERRA, *Los ojos del espíritu: comentario a las ‘admoniciones’ de Francisco de Asís*, 11.

análise, Tadeo Matura mostra que há duas posições: uma defende que estas *Exortações* são discursos feitos por S. Francisco num dos capítulos (gerais da Ordem); a outra considerando que as *Exortações* são palavras de uma grande sabedoria, argumenta que elas expressam a verdadeira experiência humana e espiritual de S. Francisco e dos seus confrades¹⁰⁸. Martí Àvila I Serra destaca as várias opiniões acerca desta questão¹⁰⁹: uns dizem que se trata de um conjunto de discursos orais feitos pelo jovem de Assis, que mais tarde, foram passados a escrito, (remontando estes ao ano 1209-1221); outros que afirmam, que são discursos que reflectem os últimos anos da maturidade, nos anos 1216-1217.

Estando no centro do *Corpus* franciscano, eles dão-nos uma visão completa da vida cristã segundo o santo de Assis. Na estruturação das *Fontes Franciscanas*, as *Exortações* sucedem-se às *Cartas*¹¹⁰, destacando o primado da vida espiritual que, para S. Francisco, é o âmago do coração de todos os cristãos. Sem esta dimensão espiritual, a vida cristã não faz sentido. A pobreza evangélica permite a qualquer cristão viver o evangelho, seguindo Jesus. Como O próprio afirma: “Se queres ser perfeito, vai, vende o que tens, dá o dinheiro aos pobres e terás um tesouro no Céu; depois, vem e segue-me” (Mt 19, 21). Para o santo de Assis, viver desta forma implica não guardar nada para si¹¹¹. Como disse o Mestre: “As raposas têm tocas e as aves do céu têm ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça” (Mt. 8, 20). O caminho do discípulo é viver sem se apropriar das coisas que impedem de seguir Jesus. Ser pobre para S. Francisco significa despojar-se de tudo e centrar-se unicamente em Deus. Na perspectiva de Tadeo Matura, as *Exortações* revelam um profundo conhecimento sobre o ser humano¹¹². No que se refere à sua organização, dentro do conjunto do *Corpus* franciscano, há vários modelos de inspiração. Caetano Esser divide as

¹⁰⁸Cf. T. MATURA, “Las Admoniciones, llave y puerta de los escritos de Francisco”, *S F*, 224.

¹⁰⁹Cf. M. ÀVILA I SERRA, *Los ojos del espíritu: comentario a las ‘admoniciones’ de Francisco de Asís*, 10.

¹¹⁰ Cf. F. DE ASSIS, *FFI*, 131.

¹¹¹Cf. *Ibidem*, 119-136.

¹¹²Cf. T. MATURA, “Las Admoniciones, llave y puerta de los escritos de Francisco”, *S F*, 224.

Exortações em duas partes: a primeira mais explicativa e a segunda mais exortativa¹¹³. Mas, segundo Martí Àvila I Serra, a divisão autêntica é de Francesco Azzimonti, que considera¹¹⁴:

- “*Exortações* sobre ensinamento” (nº 1-12).
- “*Exortações* sobre as Bem-aventuranças” (13-28, excepto o nº27).

O primeiro conjunto tem um carácter mais doutrinal e teológico, enquanto o segundo é mais exortativo. Martí Àvila I Serra divide o primeiro em dois blocos, pondo de lado a primeira *Exortação*, que é sobre a Eucaristia¹¹⁵:

O primeiro bloco aborda diversos temas: a humildade (*Exort. 2ª*), a obediência (*Exort. 3ª*), o espírito de serviço (*Exort. 4ª*), a menoridade (*Exort. 5ª*) e, por fim, as implicações sobre o seguimento de Cristo (*Exort. 6ª*).

O segundo bloco trata a problemática da vida fraterna, dos irmãos que são considerados mestres e instruídos dentro da ordem (*Exort. 7ª*), o vício da inveja (*Exort. 8ª*), do amor fraterno (*Exort. 9ª*), da capacidade de autocontrolo (*Exort. 10ª*) e de o não escandalizar com a fraqueza dos outros (*Exort. 11ª*), por último, do discernimento (*Exort. 12ª*).

O segundo conjunto corresponde ao grupo das Bem-aventuranças: Comporta os números 13-28 das *Exortações*, (exceptua-se a *Exort. 27ª*). Para Martí Àvila I Serra, neste grupo encontramos as características próprias da espiritualidade franciscana: o espírito de paciência (*Exort. 13ª*), a santa pobreza (*Exort. 14ª*), o espírito de paz (*Exort. 15ª*), a pureza do coração (*Exort. 16ª*), a santa humildade (*Exort. 17ª, 20ª, 24ª*), a misericórdia para com os irmãos (*Exort. 18ª*), o silêncio interior (*Exort. 20ª, 21ª*), a correcção fraterna (*Exort. 23ª*), o cuidado para com os doentes (*Exort. 25ª*), a melhor riqueza (*Exort. 28ª*). A *Exortação 27*

¹¹³Cf. C. ESSER, *Exortações de Francisco de Assis*, 9.

¹¹⁴Cf. M. ÀVILA I SERRA, *Los ojos del espíritu: comentario a las ‘admoniciones’ de Francisco de Asís*, 16.

¹¹⁵Cf. M. ÀVILA I SERRA, *Los ojos del espíritu: comentario a las ‘admoniciones’ de Francisco de Asís*, 17.

difere destas porque aborda a questão da pessoa que vive segundo os dons do Espírito Santo. Há outros autores que, apesar de fazerem a mesma divisão, realçam a dimensão espiritual¹¹⁶.

2.2. O que são os *Avisos Espirituais* segundo as *Fontes Franciscanas*

Segundo as *Fontes Franciscanas*, os *Avisos Espirituais* significam “admonições, segundo os textos latinos e as edições em línguas vernáculas”¹¹⁷, em português traduz-se por *Exortações*, recomendações ou conselhos. De facto, os *Avisos Espirituais* são conselhos espirituais que S. Francisco dava aos frades sobre a doutrina do evangelho, principalmente como viver a pobreza do evangelho¹¹⁸. Segundo Martí Ávila I Serra, estas *Exortações* são a *Magna Charta* da vida fraterna, que está edificada sobre a pobreza evangélica¹¹⁹.

Nelas o santo de Assis mencionava vários temas: o corpo de Cristo, a verdadeira obediência, a imitação de Cristo, a mortificação corporal, a verdadeira alegria, entre outros. Todos os temas têm um profundo sentido cristológico, desde a primeira *Exortação* (*Exort. 1ª*), em que o autor fala de Cristo como caminho que conduz à vida eterna¹²⁰.

2.3. Referência particular às *Exortações*

Para uma melhor compreensão das *Exortações Franciscanas* e também para que a nossa análise seja mais clara abordaremos, de forma genérica, este grupo, realçando a sua dimensão bíblica e cristológica.

2.3.1. Dimensão bíblica

O místico de Assis não foi um homem de letras nem de grande intelectualidade. Mas foi um homem de Deus dotado de uma fé inabalável. Toda a sua vida se entregou a servir os irmãos. Assim, para ele, a Sagrada Escritura é fonte donde emana a vida, que é a vida segundo

¹¹⁶Cf. *Ibidem*, 17-19.

¹¹⁷F. DE ASSIS, *FFI*, 121.

¹¹⁸Cf. *Ibidem*, 121.

¹¹⁹Cf. M. ÀVILA I SERRA, *Los ojos del espíritu: comentario a las ‘admoniciones’ de Francisco de Asís*, 5.

¹²⁰Cf. F. DE ASSIS, *FFI*, 124.

o evangelho de Cristo¹²¹. No seu pensamento, viver de acordo com a doutrina do evangelho consiste em seguir Cristo num processo de transformação e de identificação absoluta a ponto de dizer como S. Paulo¹²²: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim...” (Gl 2, 20). Ainda nesta perspectiva diz David de Azevedo, que seguir Cristo, segundo o jovem de Assis, significa participar com amor e paciência no seu mistério pascal, ou seja, viver com radicalidade a mensagem do evangelho¹²³. Assim, não podemos falar de S. Francisco à margem da Sagrada Escritura, porque a sua vida só tem sentido nesta perspectiva. É a partir do encontro com a Palavra de Deus que ele encontra uma nova forma de viver a identidade cristã¹²⁴. É deslumbrante ver e compreender, a partir dos seus *Escritos*, como o santo de Assis medita e vive a Palavra da Sagrada Escritura. Da leitura que fizemos de todos os seus *Escritos*, constatamos que só nos *Avisos Espirituais*, temos cinquenta e três citações bíblicas¹²⁵: do Antigo Testamento temos sete citações¹²⁶; do Novo Testamento quarenta e seis¹²⁷. Na perspectiva de Dino Dozzi, o uso destas citações bíblicas mostra-nos a sua profunda relação com a Palavra de Deus, além de um notável conhecimento da Sagrada Escritura¹²⁸.

Na verdade, S. Francisco foi um homem profundamente bíblico. No seu pensamento tudo parte do texto bíblico e nada está fora do âmbito da Palavra de Deus, do evangelho e do clima da fé. Deste modo Octaviano Schmucki afirma: “que Tomás de Celano o elogiava como

¹²¹Cf. D. DE AZEVEDO, (ed.), *Francisco de Assis nosso irmão*, 247.

¹²²Cf. C. SERRI, “Francisco de Asís y la Palabra de Dios”, *S F*, 100 (2005) 95.

¹²³Cf. D. DE AZEVEDO, (ed.), *Francisco de Assis nosso irmão*, 247.

¹²⁴Cf. *Ibidem*, 238.

¹²⁵Cf. F. DE ASSIS, *F F I*, 124-134.

¹²⁶**1.^a Exort.** Sb 18, 15; Sl 4, 3 ; **2.^a Exort.** Gn 2, 16-17; **3.^a Exort.** Pr 26, 11; **5.^a Exort.** Gn 1, 26; **20.^a Exort.** Sl 50, 10; **21.^a Exort.** Pr 29, 20 Cf. *Ibidem*, *F F I*, 125-127.132.

¹²⁷**1.^a Exort.** Jo 1, 18; 4, 24; 6, 63; 6, 55; 9, 35; 14, 6-9; 1Tm 6, 16; Mc 14, 24; Mt 28, 20; 1Cor 11, 20; **3.^a Exort.** Lc 9, 24; 9, 62; 14, 33; Jo 15, 13; 1Pe 1, 22; **4.^a Exort.** Mt 20, 28; **5.^a Exort.** 1Cor 12, 28; 13, 2; 2Cor 12, 15; Lc 14, 27; **7.^a Exort.** 2Cor 3, 6; **8.^a Exort.** 1Cor 12, 3; Rom 3, 12; Mt 20, 15; **9.^a Exort.** Mt 5, 44; **10.^a Exort.** Mt 24, 46; **11.^a Exort.** Rom 2, 5; Mt 22, 21; **13.^a Exort.** Mt 5, 6; **14.^a Exort.** Mt 5, 3; 5, 39; **15.^a Exort.** Mt 5, 9; **16.^a Exort.** 5, 8; **18.^a Exort.** Mt 7, 12; 25, 18; Lc 8, 18; Gl 6, 2; **21.^a Exort.** Lc 2, 19. 51; Mt 6, 2; 6, 16; **23.^a Exort.** Mt 24, 45; **27.^a Exort.** Lc 11, 21; **28.^a Exort.** Mt 6, 20; Lc 2, 19. 51 Cf. *Ibidem*, *F F I*, 124-134.

¹²⁸Cf. D. DOZZI, ‘*Así dice el Señor*’: *El Evangelio en los escritos de San Francisco*, Ed. Franciscana, Arantzazu, 2003, 14.

o novo evangelista dos últimos tempos”¹²⁹. O jovem de Assis foi um homem que revolucionou o mundo do seu tempo, assumindo a linguagem do amor e do serviço para responder ao chamamento de Deus, por isso, quando encontrou aquilo que o seu coração ansiava, disse: isto é o que eu buscava, o que eu desejava poder viver¹³⁰. O evangelho é para S. Francisco a água que sacia a sede de qualquer cristão. Por esta razão, identificou-se com ele, tomando-o como regra de vida, critério prático de discernimento, da sua busca de Deus¹³¹. Sem este horizonte de obediência à fé é impossível compreender a experiência cristã de S. Francisco e a sua visão eclesial¹³². Além de ser um homem evangélico, o jovem de Assis também é um homem eclesial; viver o evangelho fora do ambiente eclesial é-lhe inconcebível. Assim, segundo a visão de Javier Garrido, a Igreja é a sua casa, o lugar onde alimentou a sua fé e caminhou segundo o Espírito de Jesus¹³³. Cristo é para o santo de Assis o centro de toda vida cristã.

2.3.2. Dimensão cristológica

Para S. Francisco, Cristo é o caminho pelo qual Deus vem até nós e nos revela o seu amor e é também o caminho que devemos seguir¹³⁴. N’Ele, Deus entra na nossa vida, vive conosco como nosso Irmão, como aquele que nos revela o rosto do Pai¹³⁵: “Jesus disse-lhe: Há tanto tempo que estou convosco, e não me ficaste a conhecer, Filipe? Quem me vê, vê o Pai”(Jo 14, 9). Ele é o Deus conosco. N’Ele, Deus junta-se a nós como uma nova e eterna aliança e ensina-nos o caminho que devemos seguir, daí a importância da fé para o nosso pai S. Francisco: é que nos ajuda a conhecer Jesus como enviado do Pai; é, portanto, o único

¹²⁹O. SCHMUCKI, “Descubrimiento gradual de la forma de vida evangélica por Francisco de Asís”, *S F*, 46 (1987) 66.

¹³⁰Cf. J. GARRIDO, *Francisco de Assis: Itinerário espiritual, problemas e perspectivas*, Ed. Franciscana, Braga, 2005, 74 (trad. em português de José David Antunes).

¹³¹Cf. H. ALVES, *S. Francisco e a Palavra de Deus*, 36.

¹³²Cf. J. HERRANZ, *El discernimiento en Francisco de Asís: ‘Oh Dios, concédenos querer siempre lo que te agrada’*, Ed. Fronteira, Vitoria, 2009, 80.

¹³³Cf. J. GARRIDO, *Francisco de Assis: Itinerário espiritual, problemas e perspectivas*, 85.

¹³⁴K. ESSER, “‘El Cuerpo del Señor’: ‘admonición 1.ª de San Francisco’”, *S F*, 35 (1983) 194 (trad. em castelhano de Rubén Camps).

¹³⁵Cf. M. ÀVILA I SERRA, *Los ojos del espíritu: comentario a las ‘admoniciones’ de Francisco de Asís*, 49.

caminho que nos conduz ao Pai¹³⁶; “Jesus respondeu-lhe: Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém pode ir até ao Pai senão por mim” (Jo 14, 6). Deste modo, é necessário aprender a conhecer o caminho que conduz ao Pai, para poder chegar ao único Deus.

Conhecer, para S. Francisco, tem um profundo sentido; não significa simplesmente recordar aquilo que Jesus viveu, mas viver em profunda relação de amor com Ele, desejando sempre a sua vontade¹³⁷, porque Ele é o único caminho que nos conduz ao Deus invisível¹³⁸. Segundo S. Francisco, Cristo é o bom pastor, ou seja, aquele que padeceu, por amor, o suplício da cruz, dando a vida pelas suas ovelhas. Por isso convida a todos os Irmãos a seguir os seus passos, fixando os olhos n’ Ele¹³⁹. Para o santo, seguir Cristo é viver como Ele viveu, numa entrega total ao Pai¹⁴⁰, estando dependente d’Ele, como Jesus, fazendo sempre a vontade do Pai¹⁴¹. Só pondo os olhos no pastor, as ovelhas vão conhecendo e vivendo com maior precisão as suas palavras. Cristo é o penhor da nossa vida cristã, o fundamento da nossa esperança, mas também o alimento que sacia a nossa fome. A forma como o pobre de Assis contempla o corpo de Cristo mostra-nos o fundamento da sua fé e também o seu sentido. Assim, só pedindo a Deus esse dom, podemos reconhecer Jesus como seu Filho amado, a certeza da nossa salvação¹⁴².

Para S. Francisco todo o cristão é chamado a unir-se a Cristo através do mistério eucarístico pelo dom da fé¹⁴³, porque é neste mistério que está Cristo, o nosso alimento: “Quem realmente come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna e Eu hei-de ressuscitá-lo no último dia” (Jo 6, 54)¹⁴⁴. Por este sacramento, Jesus garante-nos uma vida

¹³⁶Cf. *Ibidem*, 49.

¹³⁷Cf. K. ESSER, ““El Cuerpo del Señor”: ‘admonición 1.ª de San Francisco’”, *S F*, 197.

¹³⁸Cf. *Ibidem*, 194.

¹³⁹Cf. F. DE ASSIS, *FFI*, 127.

¹⁴⁰Cf. C. ESSER, *Exortações de Francisco de Assis*, 102.

¹⁴¹Cf. M. ÁVILA I SERRA, *Los ojos del espíritu: comentario a las ‘admoniciones’ de Francisco de Asís*, 82.

¹⁴²Cf. K. ESSER, ““El Cuerpo del Señor”: ‘admonición 1.ª de San Francisco’”, *S F*, 198.

¹⁴³Cf. *Ibidem*, 198.

¹⁴⁴Cf. C. ESSER, *Exortações de Francisco de Assis*, 25.

plena e uma aliança eterna¹⁴⁵. Na perspectiva do jovem de Assis o Deus invisível é o Deus de amor, e o agora e de sempre; é aquele que alimenta e move¹⁴⁶. Por isso há que louvá-l'O e agradecer-lhe o seu imenso amor¹⁴⁷. Na visão de André Vauchez, S. Francisco cita constantemente os passos bíblicos que exaltam Jesus, em particular os versículos que destacam a relação entre Espírito Santo e a vida¹⁴⁸.

2.4. Recurso ao Evangelho de S. Mateus nos *Escritos* de S. Francisco

Para S. Francisco, o Evangelho de S. Mateus tem uma relevância particular. Em todos os seus *Escritos* encontramos cerca de noventa e sete citações deste evangelho. No grupo sobre a *Oração*¹⁴⁹ temos uma citação (Mt 11, 25). Nas *Cartas*¹⁵⁰, há vinte e três citações; na primeira carta a todos os fiéis, oito citações¹⁵¹; na segunda a todos os fiéis, catorze citações¹⁵²; uma na carta a um ministro¹⁵³ (Mt 9, 12), e uma na carta a todos os clérigos (Mt 12, 36); nos *Avisos Espirituais* há dezassete citações¹⁵⁴; nos *Textos Legislativos* temos cinquenta e uma citações¹⁵⁵; na primeira regra são quarenta e três citações¹⁵⁶; na segunda regra há oito citações¹⁵⁷; na regra para os Eremitérios, temos uma citação, (Mt 6, 33)¹⁵⁸. Todas estas citações reflectem a profunda relação que o místico de Assis tinha com a Sagrada Escritura e que foi para S. Francisco a pedra firme, a fonte perene na sua vida de intimidade com Deus. Mas o servo de Deus não cita a Sagrada Escritura para documentar ou fundamentar as suas

¹⁴⁵Cf. K. ESSER, “‘El Cuerpo del Señor’: admonición 1.ª San Francisco”, *S F*, 200.

¹⁴⁶Cf. F. DE ASSIS, *F F I*, 124.

¹⁴⁷Cf. J. A. GUERRA, “El encuentro con Dios: Experiencia central de Francisco”, *S F*, 84 (1999), 435.

¹⁴⁸Cf. A. VAUCHEZ, *Francisco de Assis: Entre história e a memória*, Ed. Instituto Piaget, Lisboa, 2013, 330.

¹⁴⁹Cf. F. DE ASSIS, *F F I*, 75.

¹⁵⁰Cf. *Ibidem*, 93-100.103.106.115

¹⁵¹Mt 5, 45; 5, 16; 12, 30; 12, 36; 12, 50; 12, 50; 22, 39; 20, 21 Cf. *Ibidem*, 93-95.

¹⁵²Mt 26, 26; 26, 26-28; 26, 39; 26, 39; 11, 30; 22, 37 e 39; 22, 39; 15, 18-19; 5, 6; 5, 44; 5, 45; 12, 50, 20, 21, 24, 13 Cf. *Ibidem*, 96-100.103.

¹⁵³Cf. F. DE ASSIS, *F F I*, 115.

¹⁵⁴Mt 28, 20; 20, 28; 20, 15; 5, 44; 24, 46; 22, 21; 5, 6; 5, 3; 5, 39; 5, 9; 5, 8; 7, 12; 25, 18; 6, 2; 6, 16; 24, 45; 6, 20 Cf. *Ibidem*, 125-126.128-134.

¹⁵⁵Cf. *Ibidem*, 145.147-149.151-157.159-163. 167-168. 170. 172-173.

¹⁵⁶Mt. 19, 21; 16, 24; 19, 29; 6, 16, 7, 12; 20, 28; 12, 36; 9, 12; 20, 25-26; 19, 27; 12, 4; 7, 12; 5, 22; 7, 3; 7, 14; 5, 28; 10, 10; 5, 39; 10, 16; 10, 32; 25, 46; 5, 10; 10, 23; 5, 11; 10, 22; 24, 13; 6, 2; 3, 2; 6, 14; 5, 44; 26, 50; 15, 19; 15, 20; 13, 19-23; 8, 22; 12, 43-44; 6, 9; 23, 8-10; 18, 20; 28, 20; 11, 25; 25-34; 17, 5 Cf. *Ibidem*, *F F I*, 145. 147-149.151-157. 159-163.

¹⁵⁷Mt 19, 21; 11, 8; 4, 2; 7, 12; 13, 22; 5, 44; 5, 10; 10, 22 Cf. *Ibidem*, *F F I*, 167-168. 170. 172.

¹⁵⁸Cf. *Ibidem*, *F F I*, 173.

convicções religiosas; recorre a ela para discernir a vontade do Pai à luz da Palavra de Deus, vivendo da Palavra, que é fonte e vida¹⁵⁹. A Palavra é vida para o santo de Assis, porque nela está o Verbo encarnado, aquele que se fez carne e que habitou entre nós (cf. Jo 1, 14).

2.5. Ocorrência da palavra Bem-aventurança nas *Exortações*

Como vimos no parágrafo anterior, S. Francisco é um homem com grande intuição bíblica e de uma profunda fé. Por causa da fé, acolhe a Palavra da Sagrada Escritura como rocha segura, pedra viva, sobre a qual constrói alicerces firmes. Pela fé, S. Francisco descobre o caminho conducente à felicidade: Deus. Se refere a Sagrada Escritura é porque encontrou o caminho que conduz à plenitude da vida, à felicidade suprema. Diz-nos o salmista que feliz é o homem que põe a sua esperança no Senhor e nela medita noite e dia (cf. Sl 1, 2). A felicidade do pobre de Assis assenta em meditar na lei do evangelho, fazendo-a critério de vida¹⁶⁰.

Percorrendo os seus *Escritos*, propriamente os grupos dos *Avisos Espirituais*, verifica-se que os Bem-aventurados são aqueles que S. Francisco considera “felizes”, os μακάριοι¹⁶¹ termo que em grego significa “felizes”, “benditos”. São estes que constroem a paz porque são filhos de Deus; são os que são pobres em espírito, porque o Reino de Deus lhes pertence; os que têm um coração limpo, (sem ódio, sem orgulho e sem soberba), porque verão a Deus¹⁶². Verificamos que este adjectivo só neste *Escritos* aparece vinte e três vezes¹⁶³. Dessas vinte e duas vezes, quatro passagens referem-se ao grande discurso do sermão da montanha (*Exort.* 13^a Mt 5, 6; 14^a Mt 5, 3; 15^a Mt 5, 9; 16^a Mt 5, 8).

Para o servo de Assis, a vida do discípulo de Jesus tem como consequência viver feliz, numa felicidade que implica a sabedoria da cruz e o viver sem nada próprio. Em treze

¹⁵⁹Cf. D. DE AZEVEDO, (ed.), *Francisco de Assis nosso irmão*, 238.

¹⁶⁰Cf. F. DE ASSIS, *FFI*, 167.

¹⁶¹Cf. *Novo Testamento interlinear, Grego - Português*, Ed. Sociedade Bíblica do Brasil, Barueri, 2007,13.

¹⁶²Cf. F. DE ASSIS, *FFI*,130.

¹⁶³*Exort.* 10^a, 11^a, 13^a, 14^a, 15^a, 16^a, 17^a; *Exort* 18^a e 19^a duas vezes; 20^a, 21^a, na *Exort* 22^a três vezes; 23^aduas vezes; 24^a, 25^a, 26^a, 28^a cita duas vezes Cf. *Ibidem*, 129-134.

ocorrências o adjectivo qualifica os servos¹⁶⁴, (*Exort.* 10^a, 18^a, 19^a, 21^a, 22^a cita três vezes, 23^a, 24^a, 25^a, 26^a e 28^a duas vezes): para S. Francisco os servos são os *μακάριοι* porque estão disponíveis para servir e amar, numa atitude de simplicidade e humildade. Além desses, cita duas vezes e qualifica: “Bem-aventurado o homem que não se gloria no bem ..., Bem-aventurado o homem que suporta o próximo em sua fragilidade” (*Exort.* 17^a e 18^a)¹⁶⁵; e, noutro passo, define o religioso: “Bem-aventurado o religioso que não sente satisfação e a alegria senão nas santíssimas palavras e obras do Senhor...” (*Exort.* 20^a); por fim, usa o adjectivo de forma genérica (*Exort.* 23^a 1, 11^a 4).

Em suma, a vida de S. Francisco, com a sua maneira de encarnar a Palavra de Deus, a sua entrega total, abre uma nova forma de viver o paradoxo da vida humana com alegria.

¹⁶⁴*Exort.* 10^a, 18^a, 19^a, 21^a, 22^a cita três vezes, 23^a, 24^a, 25^a, 26^a e 28^a duas vezes, Cf. *Ibidem*, 129.131-134.

¹⁶⁵*Ibidem*, 131.

3. CAPÍTULO:

O LUGAR BÍBLICO DAS BEM-AVENTURANÇAS

Introdução

Concluída a nossa análise sobre as *Exortações* de S. Francisco de Assis, a sua contextualização e a importância da mesma dentro do *Corpus* franciscano, verificamos que através desta temática, podemos falar da Sagrada Escritura como critério de discernimento segundo as *Fontes Franciscanas*. A forte citação dos textos bíblicos, sobretudo do Evangelho de S. Mateus, ajuda-nos a compreender qual é o caminho que o mestre de Assis percorreu para responder com grandeza de ânimo ao chamamento de Deus.

Não podemos ignorar a importância da Palavra de Deus e do dom da fé neste processo espiritual do jovem de Assis. Todas as temáticas abordadas nas *Exortações* destacam alguns critérios de discernimento: desapropriação (*Exort.* 3^a, 4^a, 14^a e 18^a); pobreza de espírito (*Exort.* 14^a); paz (*Exort.* 15^a), pureza de coração (*Exort.* 16^a). Embora o pobre de Assis não use o vocábulo discernimento para falar do processo da vida espiritual, todavia, várias expressões remetem-nos para esta realidade, a qual implica este itinerário. Com o presente capítulo pretendemos demonstrar como é que as *Exortações* de S. Francisco são critérios de discernimento, tendo em conta a fundamentação bíblica, o capítulo quinto do Evangelho de S. Mateus de que contém as Bem-aventuranças (Mt 5, 3; 5, 6; 5, 8; 5, 9).

3.1. Contexto bíblico das Bem-aventuranças

A Sagrada Escritura é um campo vastíssimo que nos ajuda a compreender o lugar bíblico das Bem-aventuranças. Em todo o seu contexto, tanto o Antigo Testamento como o Novo Testamento coloca a questão da felicidade. Ser Bem-aventurado na literatura sapiencial, era um dom de Deus; significa a participação da glória de Javé¹⁶⁶. Toda a literatura sapiencial

¹⁶⁶Cf. X. LÉON-DUFOUR, *Vocabulário de Teologia Bíblica*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1972, 100.

evidencia o homem como o Bem-aventurado, porque: 1. Caminha na lei do Senhor (cf. Sl 119, 1-2; 106, 3; 1, 1-2); 2. põe a sua confiança n' Ele (cf. Is, 30, 18); 3. Teme-O (cf. Sl 112,1); 4. habita na casa de Deus para sempre (cf. Sl 84, 4; 65, 5). Em Javé está o refúgio do homem (cf. Sl 2, 12; 146, 5). Caminhar na lei do Senhor, cumprindo todos os seus preceitos é motivo de felicidade para os antigos, que consideravam uma vida longa e os bens materiais como sinais da presença de Deus, bênção divina para aqueles que vivem com rectidão de espírito e que meditam, dia e noite, nos seus preceitos (cf. Sl 1, 2).

Na literatura neotestamentária a palavra Bem-aventurança proclamada por Jesus supera essa perspectiva sapiencial. Jesus, ao considerar Bem-aventurados os pobres de espírito, os mansos, os puros de coração, os pacíficos, entre outros, apresenta uma visão escatológica¹⁶⁷. Já não é o homem que alcança a felicidade através do cumprimento da lei, mas Deus que a dá gratuitamente na pessoa de Jesus, como diz S. João: “E o Verbo fez-se homem e veio habitar connosco...” (Jo 1, 14).

Na teologia do Novo Testamento a felicidade já está presente; é o Reino de Deus; é a promessa de Deus cumprida no seu Filho¹⁶⁸. Na perspectiva de João Lourenço a verdadeira felicidade anunciada por Jesus no Evangelho de S. Mateus é a resposta dada por Deus à falta do sentido de alegria presente no coração do homem¹⁶⁹. Toda a teologia das Bem-aventuranças é um convite à graça de Deus, à conversão, à mudança de vida. Chamar Bem-aventurados aos mansos, aos pobres de espírito, aos puros de coração, os que choram e outros significa mudar de paradigma, pois convida todos estes a participar no Reino dos Céus, ou seja, do banquete celeste preparado pelo Rei da glória. João Lourenço diz: “As Bem-aventuranças são um apelo e um estímulo... o mais sério desafio colocado por Deus ao

¹⁶⁷Cf. A.VAN DEN BORN, *Dicionário Enciclopédico de la Bíblia*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1971, 169.

¹⁶⁸Cf. X. LÉON-DUFOUR, *Vocabulário de Teologia Bíblica*, 101.

¹⁶⁹Cf. J. LOURENÇO, “O desafio bíblico à felicidade em Mt 5, 6”, *Communio*, Ano VII, 5-15 (1990) 406.

homem em busca de uma nova identidade humana, construída não a partir do homem, mas de Deus”¹⁷⁰.

Neste sentido, podemos dizer que as Bem-aventuranças mostram ao homem a sua verdadeira imagem e semelhança, revelada no livro do *Génesis* (Gn 1, 26). Deus criou o homem à sua imagem e semelhança, por isso as Bem-aventuranças de que fala Jesus estavam no coração de Deus já desde o início. Deus escolheu os homens para estarem em comunhão com Ele. As palavras de Jesus concretizam esta ideia: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10, 10). S. Paulo diz: “E esta é a promessa que Ele nos fez: a vida eterna” (1Jo 2, 25). As Bem-aventuranças, além de serem uma promessa a cumprir, são também um dom à vida.

Jesus ao proclamar os pobres como Bem-aventurados deixa claro quem são os escolhidos por Deus para fazerem parte do Reino dos Céus. Não se trata de esforço humano, mas de dádiva de Deus ao homem: a iniciativa é divina, pois é Ele quem vai ao encontro do homem para o saciar de bens e do amor. Em suma, dizer Bem-Aventurança significa falar de Deus e do seu amor pela humanidade. Diz-nos João Lourenço, citando J.-F. Six, que as Bem-aventuranças são um discorrer sobre Deus, daí que, quando as lemos, estejamos a ler o coração amoroso do próprio Deus tal como o seu Filho, Jesus no-I’O revelou¹⁷¹. Deus dá-se a conhecer por amor para que possamos viver do mesmo amor. Diz S. João na primeira carta que Deus é amor e que quem ama nasce d’Ele, por isso conhece-O, (cf. 1Jo 4, 7).

Assim, podemos dizer que as Bem-aventuranças são um convite ao amor, ou seja, a viver segundo o Espírito de Jesus, O qual mais do que ninguém soube viver de forma absoluta a mensagem das Bem-aventuranças. O seu nascimento (cf. Lc 2, 7; Fl 2, 6-7), a sua morte e a ressurreição (cf. Lc 23, 53; Jo 20, 40) são sinais dessa realidade.

¹⁷⁰*Ibidem*, 407.

¹⁷¹Cf. *Ibidem*, 410.

3.2. O que são as Bem-aventuranças

O termo Bem-aventurado é tradução da palavra grega *μάκαρ*, da qual deriva *μακάριος*; corresponde ao hebraico *asché*. Para os Gregos do mundo antigo *μάκαρ* dizia-se do homem protegido pelos deuses que não tinha preocupações na vida¹⁷². Para os Judeus só são Bem-aventurados os que cumpriam a lei, procurando uma vida materialmente estável¹⁷³. Os bens materiais eram sinal de bênção divina e de recompensa. Para os cristãos o termo significa a felicidade espiritual que vem pela proclamação do Reino de Deus¹⁷⁴. Trata-se de um “sim” dito por Deus na pessoa de Jesus¹⁷⁵, o qual concretiza, de forma plena, as promessas do Antigo Testamento: a plenitude dos tempos, o novo Céu e a nova terra. É o *kerigma* da salvação¹⁷⁶, o anúncio da Boa Nova, ou seja, do evangelho do Reino. É a Boa Notícia, porque os pobres, os mansos, os puros de coração são eleitos por Deus, para o seu Reino.

Os *μακάριοι* apontam os caminhos de contradição, o que significa que o princípio e o fim da vida cristã é a verdadeira mensagem de salvação e de libertação. Segundo a visão de Fernando Camacho, as Bem-aventuranças foram, ao longo da história cristã, um grande compêndio do ideal evangélico, que muitas Congregações e Ordens Religiosas tiveram como meta para todo o crente comprometido com Cristo¹⁷⁷. Ele entende que as Bem-aventuranças foram no início do Cristianismo a quinta-essência do evangelho, o novo mandamento do amor, a suprema expressão da nova aliança selada com o sangue de Cristo¹⁷⁸.

¹⁷²Cf. P. CHANTRAINE, *Dictionnaire etymologique de la langue grecque. Histoire de mots*, Ed. Klincksieck, Paris, 1999, 659.

¹⁷³Cf. A.VAN DEN BORN, *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, 169.

¹⁷⁴Cf. *Ibidem*, 169.

¹⁷⁵Cf. X. LÉON-DUFOUR, *Vocabulário de Teologia Bíblica*, 102.

¹⁷⁶Cf. X. PIKAZA, *Diccionario de la Biblia: História y Palabra*, Ed. Verbo Divino, Navarra, 2007, 161.

¹⁷⁷Cf. F. CAMACHO, *La proclama del reino: Análisis semántico y comentario exegético de las bienaventuranzas de Mt 5, 3-10*, Ed. Cristiandad, Madrid, 1986, 18.

¹⁷⁸Cf. *Ibidem*, 18.

3.3. Importância das Bem-aventuranças no Evangelho de São Mateus

O contexto bíblico da teologia das Bem-aventuranças no Evangelho de S. Mateus tem um profundo sentido escatológico (cf. Mt 5, 1-12), pois promete a todo o ser humano a salvação plena e um Reino sem fim¹⁷⁹, de justiça, de paz e de alegria no Espírito Santo, segundo a perspectiva de S. Paulo (cf. Rom 14, 17). A teologia do evangelista S. Mateus revela-nos os traços característicos dos discípulos de Cristo¹⁸⁰.

Segundo José Orlandis, as Bem-aventuranças são uma *Magna Carta* de vida cristã, um projecto de vida para todas as etapas e todos os tempos¹⁸¹. Na visão de Isaías Hipólito, esta doutrina neotestamentária basilar da vida cristã¹⁸², está fundamentada em Jesus, ou seja, n' Aquele que é o caminho que nos conduz ao Pai, à vida eterna e à felicidade. Diz João Lourenço que a teologia das Bem-aventuranças nos ensina que a sua mensagem se alicerça sobre os critérios do Reino de Deus, não se regendo por padrões humanos¹⁸³. Ela é um convite a viver numa atitude de serviço e de entrega aos irmãos segundo o exemplo de Jesus. Neste sentido podemos dizer que a mensagem das Bem-aventuranças se concretiza nestas palavras de Jesus: "...Eu estou no meio de vós como aquele que serve" (Lc 22, 27). Esta atitude de serviço abre o homem às graças de Deus, tornando-o capaz de amar e de se deixar amar ao jeito de Jesus¹⁸⁴. Sem o dinamismo do amor é impossível viver assim, pois só o amor transforma a vida em dádiva. Ele é o alicerce de toda esta teologia. Segundo S. Francisco o amor torna o servo de Deus Bem-aventurado. Na *Exortação 25ª* lê-se: "Bem-aventurado o servo que tanto ama". O amor edifica a pessoa humana, pois leva-a a contemplar o rosto de Deus; somos chamados filhos de Deus, porque nascemos d' Ele, e somos felizes porque Ele

¹⁷⁹Cf. J. GNILKA, "Bem-venturados os puros de coração", *Communio*, 5 (1988) 390 (trad em alemão de A. Vieira).

¹⁸⁰Cf. J. ORLANDIS, *8 bem-aventuranças: Ser discípulo de Cristo, o início do terceiro milénio*, Ed. Rei dos Livros, Lisboa, 1998, 14.

¹⁸¹Cf. *Ibidem*, 28.

¹⁸²Cf. I. HIPOLITO, "A 'sequência' das Bem-aventuranças (Mt 5, 3-16) à luz da retórica Bíblica", *Theologica*, 2.ª Série, 42, 1 (2007) 114.

¹⁸³Cf. J. LOURENÇO, "O desafio bíblico à felicidade em Mt 5, 6", 411.

¹⁸⁴Cf. K. ESSER, "El amor: Admonición 9.ª de San Francisco", *S F*, 41 (1985) 213 (trad. em castelhano de Rubén Camps).

quis que fôssemos chamados seus filhos (cf. 1 Jo 3, 1). Ele criou-nos para a felicidade, que é a plena comunhão com Ele. Assim o homem não descansa enquanto não estiver em Deus. Desde o início foi chamado por Deus à comunhão com a Santíssima Trindade, o Senhor fê-lo à sua imagem e semelhança (cf. Gn 1, 26) para lhe mostrar que a sua felicidade está nessa comunhão plena.

As oito Bem-aventuranças proclamadas por Jesus anunciam a plenitude e a totalidade da alegria de pertencer ao Reino dos Céus. Elas são o caminho de um novo nascimento (cf. Jo 3, 3), ou seja, de uma vida nova, que implica viver segundo o Espírito de Deus. Com este ensinamento Jesus cumpriu o anúncio do profeta Isaías: “o Senhor enviou-me a anunciar a boa nova aos pobres” (Is 61, 1). Eis uma proclamação que patenteia um aspecto muito importante do ministério de Jesus: “... e a Boa-Nova é anunciada aos pobres” (Mt 11, 5), anúncio relacionado com a primeira Bem-aventurança, “Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus” (Mt 5, 3).

Esta teologia de S. Mateus convida-nos a escutar a Palavra de Deus, para discernir que caminho nos conduz até Ele; é uma mensagem de confiança, certeza de que Deus não abandona os que n’Ele confiam. Diz-nos o Evangelho de S. Mateus: “Ao ver a multidão, Jesus subiu a um monte. Depois de se ter sentado, os discípulos aproximaram-se dele. Então tomou a palavra e começou a ensiná-los, dizendo: Bem-aventurados...” (Mt 1, 1-2). Esta narrativa deixa claro que a mensagem não é insignificante; trata-se de um ensinamento, ou seja, de uma “regra de vida”. Por esta razão devemos considerar estes ensinamentos como critérios que nos ajudam a discernir os caminhos de Deus e a sua vontade. Eles fazem um convite à oração, à intimidade. Diz-nos S. Mateus que Jesus subiu a um monte (Mt 5, 1-2), na literatura bíblica monte é lugar de revelação (cf. Ex 3, 1; 19, 3; 20), da epifania (cf. Mc 9, 2), e da Palavra de Deus. Podemos associar este sermão ao verbo escutar (cf. Dt 4, 1-7) e acreditar

(cf. Lc 1, 45), porque é escutando a Palavra de Deus e pondo-a em prática que compreendemos o que Deus quer de nós (cf. Jo 13, 17; 20, 29).

3.4 As Bem-aventuranças nas *Exortações* como critério de discernimento segundo as *Fontes Franciscanas*

Dizer que S. Francisco é um mestre em discernimento significa que a sua vida espiritual foi um caminho de busca de Deus. Nas *Exortações* 13^a, 14^a, 15^a e 16^a, ele propõe aos seus irmãos vários caminhos, ou seja, pistas de discernimento conducente à luz das Bem-aventuranças de Jesus segundo a perspectiva de S. Mateus. Sendo um homem de grande fé, o pobre de Assis soube viver a sua relação com Deus com profunda sabedoria interior, discernindo sempre a vontade de Deus. Iremos abordar as quatro *Exortações* (13^a, 14^a, 15^a e 16^a) precisamente como um dos caminhos prático para descobrir a vontade de Deus.

3.4.1. 13^a *Exortação*: A Paciência

S. Francisco ao citar (Mt 5, 6) quis mostrar-nos que a paciência é um dos caminhos que nos ajuda a discernir o querer de Deus. Na sua perspectiva as contradições, as adversidades da vida humana são sintomas que nos ajudam a perceber o grau de paciência e de humildade de um servo de Deus¹⁸⁵. No modo como se aceita as cruces da vida residem o segredo de uma profunda vida interior. Não é quando as coisas correm bem que o homem é feliz, mas quando é capaz de aceitar com humildade e amor os sofrimentos da vida¹⁸⁶. Para o jovem de Assis a paciência é uma atitude interior, o núcleo essencial para a edificação de uma vida fraterna e unidade entre os irmãos¹⁸⁷. Lembremos o que S. Paulo diz: "...com toda a humildade e mansidão, com paciência: suportando-vos uns aos outros no amor" (Ef 4, 2). Não se trata de suportar por suportar, mas de suportar por amor e com amor; em suma, significa acolher as cruces do quotidiano com serenidade e paz interior. Eis o caminho de Cristo. Ele

¹⁸⁵Cf. F. DE ASSIS, *FFI*, 130.

¹⁸⁶Cf. *Ibidem*, 130.

¹⁸⁷Cf. M. ÀVILA I SERRA, *Los ojos del espíritu: comentario a las 'admoniciones' de Francisco de Asís*, 121.

mais do que ninguém soube assumir na sua vida todas as contrariedades. Foi condenado inocentemente, ouvindo palavras cruéis, mas nunca proferiu uma palavra de revolta, pelo contrário, sempre manifestou amor e perdão; disse Jesus: “Perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem” (Lc 23, 34).

Diz Martí Ávila I Serra que o objectivo último do servo paciente é a identificação com Cristo sofredor, a certeza de que Ele venceu a morte e está à direita de Deus Pai¹⁸⁸. Para o santo de Assis o verdadeiro servo paciente é aquele que, diante das humilhações da vida, se mantém sereno interiormente, servindo a todos que o rodeia com uma profunda alegria interior¹⁸⁹. A paciência é um fruto essencial para que o cristão persevere na fé. O cristão paciente dificilmente é demovido da sua fé, porque suporta tudo por amor a Cristo. Eis os caminhos da plena felicidade. Por isso os que andam neste caminho são os Bem-aventurados, os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus (cf. Mt 5, 6).

3.4.2. 14ª Exortação: A Pobreza de espírito

Para S. Francisco a pobreza de espírito proclamada por Jesus no Evangelho de S. Mateus é uma atitude fundamental para discernir os caminhos de Deus. Ser pobre na sua perspectiva, significa ter Deus como única riqueza; não reservar nada para si, estar disponível diante d’Ele, escutando a sua Palavra de amor e de libertação. Neste sentido, são felizes, porque são chamados filhos de Deus, são os que depositaram a sua confiança n’Ele. Segundo Julio Herrans, os pobres de espírito para o jovem de Assis são os que vivem o evangelho de Cristo de forma absoluta, despojando-se de todos os bens mundanos, das honras e das glórias humanas¹⁹⁰, assim como disse Jesus ao jovem rico: “... Falta-te apenas uma coisa: vai, vende tudo o que tens, dá o dinheiro aos pobres e terás um tesouro no Céu; depois, vem e segue-me” (Mc 10, 21). Ser pobre de coração implica estar vazio de si mesmo, para que Deus possa fazer

¹⁸⁸Cf. *Ibidem*, 123.

¹⁸⁹Cf. *Ibidem*, 121.

¹⁹⁰Cf. J. HERRANZ, *El discernimiento en Francisco de Asís: ‘Oh Dios, concédenos querer siempre lo que te agrada’*, 73.

nele a sua única morada. Para o santo de Assis os pobres de espírito sabem que o homem não tem, de facto, nada e que tudo o que existe é dom de Deus¹⁹¹. Estes não se vangloriam dos seus actos piedosos, mas preocupam-se em amar sem esperar recompensa, são os que vivem numa atitude de desprendimento e de abertura a Deus¹⁹². Os pobres de espírito não reivindicam nenhum direito, apenas querem praticar o bem e amar incondicionalmente¹⁹³. Desejam, portanto, viver o evangelho, deixando-se possuir pela Palavra encarnada, ou seja, pelo Verbo feito carne. O santo de Assis é, assim um testemunho vivo para o nosso tempo. Ele privou-se de todos os bens paternos para ficar somente com Cristo: a Palavra de Deus. Por isso a Palavra é o fundamento de toda a sua existência. Por Cristo deixou tudo. Diz David Azevedo que para o santo de Assis “ser pobre é morrer como Cristo, pregado numa cruz nu, sem nenhuma defesa”¹⁹⁴.

Segundo esta perspectiva, podemos dizer que toda a sua humanidade foi um caminho de pobreza espiritual. Ele escolheu Aquele que não tinha nada onde descansar a cabeça (cf. Mt 8, 20). Viver nesta atitude interior é fazer a experiência do encontro com Deus, percorrendo o caminho do evangelho. Para Martí Ávila I Serra, ser pobre de espírito é uma forma de estar na vida, uma atitude interior, alimentando da Palavra de Deus¹⁹⁵. Partindo destes pressupostos, podemos afirmar que ser pobre de espírito é um convite de Jesus nas Bem-aventuranças para todos aqueles que querem ser filhos de Deus e discípulos d’Ele.

3.4.3. 15ª Exortação: A Paz

“Felizes os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus” (Mt 5, 9). Para o pobre de Assis, a paz é um outro sinal para discernir a vontade de Deus¹⁹⁶. Não se trata de

¹⁹¹Cf. *Ibidem*, 73.

¹⁹²Cf. M. ÀVILA I SERRA, *Los ojos del espíritu: comentario a las ‘admoniciones’ de Francisco de Asís*, 127.

¹⁹³ Cf. F. DE ASSIS, *FFI*, 130.

¹⁹⁴D. DE AZEVEDO, *São Francisco: Fé e vida: ‘Espiritualidade Franciscana: reflexões’*, Ed. Franciscana, 2ª Edição, Braga, 2003, 112.

¹⁹⁵Cf. M. ÀVILA I SERRA, *Los ojos del espíritu: comentario a las ‘admoniciones’ de Francisco de Asís*, 127.

¹⁹⁶Cf. J. HERRANZ, *El discernimento en Francisco de Asís: ‘Oh Dios, concédenos querer siempre lo que te agrada’*, 73.

uma paz qualquer, mas daquela que é fruto do Espírito Santo, que só Jesus pode dar: “Deixovos a paz; dou-vos a minha paz. Não é como a dá o mundo, que Eu vo-la dou. Não se perturbe o vosso coração nem se acobarde” (Jo 14, 27). Na sua visão os verdadeiros pacíficos são os que suportam os sofrimentos da vida com serenidade interior¹⁹⁷, os que confiam em Deus, e acolhem com paz as contrariedades da vida. Não se defende o sofrimento por desejo de sofrer, mas, pretende-se unir ao padecimento existencial à pessoa de Cristo¹⁹⁸: Ele que sofreu tudo por amor (cf. Mc 8, 31). É portanto, um sofrimento oblativo: sofrer para dar vida. Este é o sentido do sofrimento de Jesus. Pelo seu sofrimento na cruz Ele reconciliou-nos com Deus, unindo o que estava dividido num só corpo, dando morte à inimizade (cf. Ef 2, 16).

Diz S. Paulo que, pela paz de Cristo, somos cidadãos dos santos, ou seja, membros da família de Deus (cf. Ef 2, 19). Segundo Carreira das Neves, os verdadeiros construtores da paz são aqueles que se deixam possuir e enamorar pela paz, conseguindo acolher com maior serenidade as contrariedades da vida¹⁹⁹. Cristo é a certeza do homem. Ele pacifica-os, logo é a sua paz (cf. Ef 2, 14). Os pacientes e os pacíficos são os que constroem a paz, são os mansos de coração, são os que não têm maldade, por isso serão chamados filhos de Deus (Mt 5, 6; 5, 9).

3.4.4. 16ª Exortação: A Pureza de coração

Na perspectiva do santo de Assis, os puros de coração são os que desprezam os bens terrenos e procuram os bens celestiais²⁰⁰; os que querem ser discípulos de Cristo, deixando para trás o que põem entraves na aceitação do Mestre, como afirma S. Paulo: “Portanto, já que fostes ressuscitados com Cristo, procurai as coisas do alto, onde está Cristo, sentado à direita de Deus. Aspirai às coisas do alto e não às coisas da terra” (Cl 3, 1-2). Os puros de coração

¹⁹⁷Cf. F. DE ASSIS, *FFI*, 130.

¹⁹⁸Cf. *Ibidem*, 130.

¹⁹⁹J. CARREIRA DAS NEVES, “Francisco de Assis e a paz”, *Communio*, Ano VI, 5 (1989) 128.

²⁰⁰Cf. F. DE ASSIS, *FFI*, 131.

reconhecem Deus criador como o único Senhor, por isso cantam sem cessar: “Altíssimo, onipotente e bom Senhor, a ti o louvor, a glória, a honra e toda a bênção”²⁰¹.

S. Francisco, ao exortar os irmãos a terem um coração puro, quis indicar-lhes o verdadeiro caminho que conduz a Deus. Segundo Martí Ávila I Serra, os puros de coração são os que põem a sua confiança no Senhor seu Deus e nunca deixam de O adorar e de O contemplar²⁰². Na perspectiva de Victor Alcalde ser puro de coração significa viver disponível para Deus²⁰³: despojar-se de todos os bens mundanos e depositar a sua confiança n’Ele. Os puros de coração, ao ver e contemplar o rosto do Deus vivo, acreditam, servindo-O e glorificando-O incessantemente²⁰⁴. Estes anseiam habitar na casa do Senhor para sempre (cf. Sl 27, 4), disponíveis para obedecer a Deus.

Segundo a visão de Ysabel de Andia, puro de coração significa ter uma fé pura, capaz de reconhecer o Deus de Jesus Cristo como verdadeiro Deus e único Senhor²⁰⁵. Partindo desta perspectiva afirma: “Esta fé é a fé no Deus único, o Deus de Abraão, de Isaac e Jacob, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo. Esta fé no Deus ‘reúne’ ou ‘unifica o coração’, segundo a palavra do salmista (cf. Sl 86, 11) no amor único do Único”²⁰⁶.

Segundo Dino Dozzi, os puros de coração reconhecem-se como filhos de Deus, por isso adoram-n’O continuamente. Vivem numa atitude de louvor e acção de graças. Os castos de coração são felizes, porque a Palavra de Deus é a fonte de água viva, certeza da sua fé²⁰⁷.

²⁰¹*Ibidem*, 80.

²⁰²Cf. M. ÀVILA I SERRA, *Los ojos del espíritu: comentario a las ‘admoniciones’ de Francisco de Asís*, 139.

²⁰³Cf. V. ALCALDE, “El itinerario de discernimiento espiritual en San Francisco de Asís visto desde el corpus de las admoniciones”, *Verdad y Vida*, 47 (2006) 414.

²⁰⁴Cf. *Ibidem*, 414.

²⁰⁵Cf. Y. DE ANDIA, “A pureza de coração”, *Communio*, Ano V, 5 (1988) 431.

²⁰⁶*Ibidem*, 431.

²⁰⁷D. DOZZI, “La Palabra de Dios en la vida y en la misión de Francisco de Asís”, *Verdad y Vida*, 254 (2009) 71.

Em conclusão, discernir a vontade de Deus significa viver o evangelho de Jesus; ter um coração sábio capaz de desejar sempre o que Ele quer; abrir o coração para acolher a Palavra d' Ele.

3.5. S. Francisco de Assis mestre em discernimento

Afirmar que S. Francisco de Assis é mestre em discernimento espiritual pode parecer difícil de aceitar. Na verdade, nos seus *Escritos* encontramos o termo discernimento sem que ele se reporte a um saber sistemático como aparece nas obras dos grandes clássicos de espiritualidade, como: santo Inácio de Loyola, santa Teresa de Ávila e S. João da Cruz²⁰⁸. Porém verificamos que toda a sua vida foi um caminho para o discernimento e para a busca da vontade de Deus. Nele o processo de discernimento é algo muito concreto que tem a ver com a sabedoria espiritual, ou seja, com a capacidade interior de se orientar a si e aos outros segundo os critérios do evangelho²⁰⁹. Daí que a mensagem das Bem-aventuranças nas suas *Exortações* mostre aos servos de Deus o caminho da vida com Ele, ensinando a discernir sempre a sua vontade. S. Francisco diz:

“Deus omnipotente, eterno, justo e misericordioso, concede-nos a nós miseráveis, que por ti façamos o que sabemos que tu queres, e sempre queiramos o que te apraz, para que, interiormente purificados, interiormente iluminados e abrasados pelo fogo do Espírito Santo, possamos seguir os passos de teu Filho nosso Senhor Jesus Cristo ...”²¹⁰.

O santo de Assis é um mestre em discernimento, já que buscar a vontade de Deus era o seu maior desejo. Esta oração é fruto não de uma reflexão teórica, mas de uma vida conduzida pelo discernimento. Os seus *Escritos* são sinais dessa evidência. Para este homem de fé e de Deus, discernimento significa a graça da sabedoria espiritual, que é a capacidade interior de

²⁰⁸Cf. J. HERRANZ, *El discernimiento en Francisco de Asís: ‘Oh Dios, concédenos querer siempre lo que te agrada’*, 11.

²⁰⁹Cf. *Ibidem*, 11.

²¹⁰F. DE ASSIS, *FFI*, 111.

saber viver segundo a vontade de Deus, no fundo significa viver segundo os dons do Espírito Santo²¹¹. Neste sentido podemos dizer que as *Exortações* são critérios de discernimento.

Segundo a perspectiva de Victor Alcalde, as *Exortações* fazem uma síntese desse itinerário espiritual numa dupla dimensão: por um lado, discernem a vontade de Deus para poder obedecer livremente à mesma; por outro lado, discernem os sinais de Deus numa vida profundamente espiritual, ou seja, permitem ver com os olhos do Espírito as falsas presenças de Deus²¹². Dentro da mesma perspectiva Julio Herranz defende que, para S. Francisco, o discernimento é um “instrumento espiritual” que está ligado à vida quotidiana, e que permita conhecer os desígnios de Deus, compreendendo se as motivações interiores estão de acordo com os critérios do evangelho²¹³.

Diz Victor Alcade que, na visão do santo, este caminho é um dom de Deus e liberdade humana em que o homem se vai tornando servo de Deus numa obediência filial, tal como viveu o Filho de Deus²¹⁴. Por isso o mistério da Eucaristia é o princípio e a plenitude de todo este itinerário espiritual²¹⁵, no qual Cristo nos ensina o verdadeiro caminho que conduz à comunhão plena com a Santíssima Trindade, ou seja, ensina-nos a verdade absoluta. Para o pobre de Assis, a Eucaristia é o ponto de referência para compreender este itinerário espiritual e o verdadeiro sentido do discernimento franciscano²¹⁶. Além desta dimensão eucarística, para S. Francisco a vida fraterna é um outro factor para discernir a vontade de Deus. Nela o jovem de Assis encontra um meio propício para viver o evangelho e, portanto, para seguir Cristo²¹⁷.

²¹¹Cf. J. HERRANZ, *El discernimiento en Francisco de Asís: ‘Oh Dios, concédenos querer siempre lo que te agrada’*, 12.

²¹²Cf. V. ALCALDE, “El itinerário de discernimiento espiritual en San Francisco de Asís visto desde el corpus de las admoniciones”, 396.

²¹³Cf. J. HERRANZ, *El discernimiento en Francisco de Asís: ‘Oh Dios, concédenos querer siempre lo que te agrada’*, 9.

²¹⁴Cf. V. ALCALDE, “El itinerário de discernimiento espiritual en San Francisco de Asís visto desde el corpus de las admoniciones”, 404.

²¹⁵Cf. *Ibidem*, 409.

²¹⁶Cf. F. URIBE, “Presupuestos y principios básicos del discernimiento”, *S F*, 84 (1999) 340.

²¹⁷Cf. V. ALCALDE, “El itinerário de discernimiento espiritual en San Francisco de Asís visto desde el corpus de las admoniciones”, 404.

Este é o lugar decisivo para discernir a identidade franciscana²¹⁸. Na sua perspectiva viver em fraternidade, numa relação interpessoal, implica viver em obediência ao Pai, sendo o desejo primordial de cada irmão, significa agir de forma a agradar a Deus²¹⁹. Para S. Francisco a obediência está acima de tudo; ela é um serviço de amor fraterno, de crescimento e de unidade.

O processo de discernimento em S. Francisco de Assis é prático e concreto. Sem qualquer tratado sobre o tema, trata-se da experiência de cada pessoa humana na qual Deus se revela. No pensar de M. Hubaut, para o jovem de Assis, a própria realidade humana é um factor de discernimento, porque Deus dá a conhecer a sua vontade através das potencialidades e limites do corpo e do espírito de cada pessoa²²⁰. Para este santo discernir a vontade de Deus significa viver o evangelho²²¹. Assim, o encontro com os pobres é outro componente prático deste itinerário espiritual, já que estes são “sacramentos” vivos da presença de Cristo²²².

Em S. Francisco todo o acto de discernimento é um novo nascimento: um nascer segundo o Espírito de Deus, pois o Espírito Santo é o autor de qualquer processo de discernimento²²³. Nesta perspectiva viver segundo o Espírito Santo e o santo evangelho numa profunda liberdade interior é conformar a existência com a vontade de Deus à luz da fé²²⁴. Para o santo de Assis o segredo do discernimento espiritual está na oração e, portanto no encontro com Deus. S. Francisco diz:

“Ó glorioso Deus Altíssimo, ilumina as trevas do meu coração, concede-me uma fé verdadeira, uma esperança firme e um amor-perfeito. Mostra-me, Senhor, o (recto)

²¹⁸Cf. J. HERRANZ, “*EL discernimento Franciscano, en torno a los problemas de nuestra vida actual*”, XXXIV Semana interprovincial, Madrid, 2006, 44.

²¹⁹Cf. V. ALCALDE, “El itinerário de discernimiento espiritual en San Francisco de Asís visto desde el corpus de las admoniciones”, 6.

²²⁰Cf. M. HUBAUT, “Cómo discierne Francisco la voluntad de Dios”, *S F*, 28 (1981) 68 (trad. em castelhano de José Carrillo).

²²¹Cf. *Ibidem*, 70.

²²²Cf. *Ibidem*, 70.

²²³Cf. *Ibidem*, 69.

²²⁴Cf. J. KOHLER, “Vida Franciscana y discernimento”, *S F*, 40 (1985) 146.

sentido de conhecimento, a fim de que possa cumprir o sagrado encargo que na verdade acabas de dar-me. *Ámen*²²⁵.

Para nós esta oração é um verdadeiro discernimento, pois mostra que, para o jovem de Assis, o discernimento é uma questão de iluminação do Espírito Santo, é a intuição de fé e não a capacidade racional do homem em entender os desígnios de Deus. Ela assemelha-se a oração ao rei Salomão (cf. 1Re 3, 9). Em suma, há que ter um coração sábio e inteligente, capaz de descobrir, pelo dom da fé, a vontade de Deus. Assim, podemos dizer que a Palavra de Deus citada por S. Francisco, nas suas *Exortações*, aponta um caminho para discernir a vontade de Deus.

²²⁵F. DE ASSIS, *FFI*, 56.

4. CAPÍTULO:

A SAGRADA ESCRITURA FUNDAMENTO ESPIRITUAL NA VIDA DE MADRE TRINDADE

Introdução

Depois de estudar a temática bíblica das Bem-aventuranças como critérios de discernimento segundo as *Exortações* de S. Francisco, neste último capítulo vamos debruçar sobre a figura da Madre Trindade, uma mulher que viveu no século XIX-XX, na província de Granada, no sul de Espanha, e que é fundadora da Congregação das Religiosas Escravas da Santíssima Eucaristia e da Mãe de Deus. Esta mulher, embora não tivesse conhecido S. Francisco de Assis pessoalmente, mas bebeu da sua espiritualidade e deixou-se encantar pela sua forma de viver o evangelho. Tal como ele, procurou viver o evangelho de uma forma absoluta, desejando apenas fazer a vontade de Deus. A Madre Trindade deixou cerca de oito *Escritos* e quarenta e um *Cadernos*, todos eles nos revelam a sua experiência espiritual, a sua caminhada na fé em busca da vontade de Deus.

Este capítulo estará subdividido em quatro partes. Na primeira daremos, a conhecer a vida da Madre Trindade e o ambiente onde viveu. De seguida, analisaremos alguns textos bíblicos contidos nos seus *Escritos*. Na terceira parte, falaremos da sua experiência espiritual como um caminho de discernimento e de busca da vontade de Deus, citando alguns textos que esclarecem esta ideia. Por fim, demonstraremos as linhas de semelhança que existem entre S. Francisco de Assis e a Madre Trindade.

4.1. Quem é Madre Trindade

A Madre Trindade foi uma criança, que recebeu o nome de Mercedes Carreiras Hitos, nascida no dia 28 de Janeiro de 1879, na pequena aldeia de Monachil, situada na província de

Granada, em Espanha²²⁶. Aí viveu e recebeu a sua educação, tanto humana como religiosa. O contexto familiar em que viveu estava marcado por uma grande fé e por uma alegria frutífera. Na sua aldeia todos os vizinhos consideravam a família Carreiras Hitos um testemunho de vida cristã²²⁷. Pertencia a uma família bastante numerosa: era a terceira filha, dos sete que sobreviveram. A Madre Trindade foi uma pessoa que desde muito nova se deixou tocar pelo Jesus eucarístico, por isso, o dia da sua primeira comunhão foi decisivo na sua vida²²⁸. Com este acontecimento houve uma mudança radical na sua existência; abriu-se um novo horizonte, ou seja, uma nova vida. A sua passagem pela terra foi uma bênção de Deus; tudo foi fruto da providência divina²²⁹, numa perspectiva de fé.

Falecida a sua mãe, D. Filomena Hitos, Mercedes, a Madre Trindade, vive esse momento de grande perda com uma profunda dor. Este é mais um momento que a marca profundamente²³⁰. Com o falecimento da mãe, a Madre Trindade e a sua irmã mais nova, Pepita, vão para um colégio interno para serem educadas, por decisão do pai, Manuel Carreras. A separação da família, sobretudo da sua avó materna, trouxe-lhe uma grande dor²³¹. Tendo entrado no colégio de Santa Inês, em Granada, as duas irmãs permaneceram aí durante algum tempo, e a pequena Mercedes foi-se deixando enamorar por Jesus, até que um dia, com apenas catorze anos, decidiu ser monja, no convento de Santo Antão, em Granada²³². Aí viria a chamar-se Madre Trindade do Puríssimo Coração de Maria. Neste convento viveu cerca de trinta e três anos, observando com rigor as regras de Santa Clara, adorando Jesus no

²²⁶Cf. M. T. CARRERAS HITOS, *ESCRITOS I*, Madrid, 1993, 7.

²²⁷Cf. C. PALOMO IGLESIAS, *Vida e obra de la Madre Trinidad del Purísimo Corazón de María*, Madrid, 2000, 16-17.

²²⁸Cf. *Ibidem*, 34-35.

²²⁹Cf. *Ibidem*, 21.

²³⁰Cf. *Ibidem*, 41-42.

²³¹Cf. *Ibidem*, 47.

²³²Cf. *Ibidem*, 67.

Santíssimo Sacramento e desejando sempre a sua vontade²³³. Fazer a vontade de Deus era tudo o que ela desejava. Por isso, ao escutar estas palavras de Jesus, sentiu-se inquieta; cito:

“Quero conventos de Capuchinhas adoradoras que, unindo a oração e adoração à penitência e à vida de reflexão e recolhimento, se consagrem à contínua adoração do meu amor sacramentado, abandonado no Tabernáculo. Tenho sede de almas!... Não feches a porta às que solicitarem viver esta vida com verdadeiro espírito de amor”²³⁴.

Assim surgiu uma nova Congregação na Igreja, as Escravas da Santíssima Eucaristia e da Mãe de Deus, fundada no dia 11 de Abril de 1925, com uma missão voltada para a educação. Educar jovens e crianças, dentro da espiritualidade eucarística é o fim desta Congregação. A congregação nascente considerava-se eucarística porque a Eucaristia é o centro e a razão de ser na vida de cada uma das Escravas. Nela está Cristo, a hóstia santa, o alimento da vida eterna²³⁵. Considerava-se mariana porque Maria era e é o nosso modelo: ela, mais do que ninguém, soube viver o seu sim a Deus, acolhendo com fé os seus planos. Foi ela também, que soube acompanhar o Filho até à cruz²³⁶. A Congregação considerava-se franciscana, porque, segundo o grito de S. Francisco, “o Amor não é amado”²³⁷, as religiosas eram e são chamadas a adorar Jesus presente na hóstia consagrada, que diz continuamente: “tenho sede de almas que me adorem”²³⁸. Além disso, também eram e são chamadas a viver com simplicidade, com pobreza e com humildade a mensagem do evangelho, como os padroeiros S. Francisco e Santa Clara. Assim, seguiam os passos de nosso Senhor Jesus Cristo²³⁹. Nisto se resume a vida e a obra da Madre Trindade de Puríssimo Coração de Maria.

²³³Cf. *Ibidem*, 106.

²³⁴M. T. CARRERAS HITOS, *ESCRITOS III*, Madrid, 1993, 78-79.

²³⁵Cf. *Regras de Vida: Constituições*, Escravas da Santíssima Eucaristia e da Mãe de Deus, Madrid, 2012, art: 5, 42.

²³⁶Cf. *Ibidem*, art: 13, 48.

²³⁷Cf. *Ibidem*, art: 17, 52.

²³⁸M. T. CARRERAS HITOS, *EE III*, 78-79.

²³⁹Cf. *Regras de Vida: Constituições*, Escravas da Santíssima Eucaristia e da Mãe de Deus, art: 17, 18, 19, 52.

4.2. A Importância da Sagrada Escritura na vida de Madre Trindade

A Sagrada Escritura foi para a Madre Trindade um grande pilar de vida espiritual. A sua profunda relação com Jesus sacramentado está fundamentada nesta doutrina. A Sagrada Escritura é para ela um encontro com Cristo presente no sacrário pela fé: “Oh como a alma, ao entrar nalguma igreja e ao aproximar-se do sacrário, parece ouvir as palavras de Jesus: ‘Busquei quem me consolasse e não o encontrei’ (Sl 69, 21)”²⁴⁰. Para a Madre Trindade a Palavra de Deus torna as Escravas da Eucaristia verdadeiras imitadoras de “Jesus dulcíssimo” e de sua “Mãe Santíssima”; faz das suas comunidades um verdadeiro “cenáculo”, onde todos procuram viver em comunhão fraterna²⁴¹. Sendo uma mulher de grande fé, procurava alimentar a sua vida espiritual pela Palavra de Deus, pelo encontro com Cristo presente no altar eucarístico. Nisto está o sentido da sua relação com Deus. Por isso, ao aproximar-se da Sagrada Escritura, pretende dar um novo sentido ao seu texto, partindo sempre da sua própria experiência de vida e de fé. A forma como a Madre Trindade medita e utiliza a Sagrada Escritura, na sua vida, está muito relacionada com a sua fé em Jesus eucarístico. Assim, o encontro com a Palavra de Deus é, acima de tudo, o encontro com o mistério da Eucaristia, hóstia santa tal como ela nos afirma:

“Consolemo-nos com tão belas palavras do nosso celestial Esposo. Comamos o pão cozido no forno divino da sagrada Eucaristia e nele receberemos o amor e fortaleza para chegarmos ao termo do nosso caminho, ao monte santo de Deus, onde gozaremos eternamente da divindade, como prémio e galardão dos nossos generosos sacrifícios, para vê-Lo adorado na terra com o mesmo amor e respeito com que é adorado no Céu”²⁴².

Esta oração revela-nos a grande paixão da Madre Trindade por Jesus eucarístico. Mas também nos mostra que nela está a actualização da Palavra de Deus em todos os momentos, com gestos e atitudes concretos da sua vida. A Palavra de Deus para a Madre Trindade é algo

²⁴⁰M. T. CARRERAS HITOS, *ESCRITOS IV*, Madrid, 1995, 24.

²⁴¹Cf. *Ibidem*, 53.

²⁴²M. T. CARRERAS HITOS, *EE I*, 39.

real e vivencial, porque o próprio Jesus é a hóstia santa, o pão eucarístico, ou seja, Aquele com quem se quer identificar²⁴³. A Madre Trindade, ao citar vários textos da Sagrada Escritura, não pretende fazer uma nova teologia bíblica, mas quer dar mais ênfase a algumas formas de vida aí consagradas e que apresenta como modelos a seguir²⁴⁴. Para ela, seguir Jesus implica deixar tudo, mesmo aquilo que lhe dá muita segurança na sua caminhada. Os seus textos são exemplos desta evidência:

“Chamando-me para que te siga, dizes docemente: ‘**Segue-Me**’ levanta o ânimo... sacode as asas e voa pelos caminhos que tens à vista... Corta, com generosidade, do teu coração sensível e afectuoso, fibra a fibra, o que te esteja a prender e possa deter...”²⁴⁵.

Seguir Jesus segundo a perspectiva da Madre Trindade significa deixar tudo, não reservar nada para si; implica viver livre em relação às coisas, para que Deus possa entrar; em suma, é reconhecer-se serva de Deus, seu instrumento na construção do Reino. Este texto dá-nos belas imagens bíblicas sobre o seguimento, mostrando que não há seguimento sem desprendimento, pois seguir o Mestre implica fazer esta experiência, isto é, pôr-se a caminho, seguir os seus passos, desprender-se de tudo²⁴⁶. Toda a vida da Madre Trindade foi uma vida de seguimento. Por isso deixou tudo para trás, para poder responder com fé quando Jesus a chama:

“...É preciso que destroces e aniquiles todos os afectos terrenos que nalgum ponto te apartem de mim. Rejeita tudo e deixa fugir a tentação sem a tocar... Oferece-te a mim como vítima de imolação para te consumir como o fogo diante do meu altar, amando-me por ser quem sou, sem jamais desconfiar da minha bondade que sempre te acompanhará... ‘**Vem e segue-me**’”²⁴⁷.

²⁴³Cf. *Ibidem*, 115-116.

²⁴⁴ O seguir de Jesus, para as Escravas da Eucaristia, é fazer das suas vidas um prolongamento de Jesus da Eucaristia. A Eucaristia é o centro das suas vidas; nela, elas entregam-se totalmente a Cristo para serem um com Ele, Cf. *Ibidem*, 107.

²⁴⁵*Ibidem*, 95.

²⁴⁶Cf. *Ibidem*, 95.

²⁴⁷*Ibidem*, 95.

Viver da Eucaristia era o que a Madre Trindade mais ansiava. A Eucaristia foi para ela o centro de toda a vida cristã; é um fogo abrasado de amor, por isso, quem dele se aproxima fica transformado; é como aquele fogo de que nos fala o livro do Êxodo (Ex 3, 1-6). Moisés depois de se aproximar do fogo não ficou da mesma forma, pois Deus tocou-lhe o coração. Quem se aproxima de Deus, do seu amor, não pode ficar indiferente. Nisto, a Madre Trindade é um testemunho vivo para o nosso tempo. Ela foi uma mulher que soube acolher a mensagem do Reino de Deus, aceitando com confiança e fé o convite em fazer da sua vida um prolongamento de Jesus eucarístico: "...Depois de tudo o que fica exposto, não deve restar qualquer dúvida, à capuchinha eucarística, sobre a sua missão na terra: 'ser hóstias vivas e santas oferecidas ao Senhor', como nos diz S. Paulo (Rm 12, 1)"²⁴⁸.

Esta confiança e fé que a Madre Trindade tinha em Jesus sacramentado levou-a a entregar-se inteiramente a Ele, fazendo da sua vida uma oferta aos irmãos, servindo-os em todo o tempo e lugar ao jeito de Maria, aquela que foi a primeira discípula a viver o mistério da Eucaristia. Para Madre Trindade, seguir Jesus significa escutar os seus apelos, abraçando a cruz da vida e nela procurar a glória de Deus. A este propósito diz a Madre num dos seus *Escritos*:

"...Não te detenhas...aproxima-te de Mim, do meu Tabernáculo... recebe a minha vida... aproxima-te mais, minha filha, e ouvirás os latidos do meu Coração que palpita por ti... e, abraçada à minha Cruz, procura a minha glória e dá ao meu Coração muitas almas que me amem e consolem!..."²⁴⁹.

Com estes textos verificámos que, para a Madre Trindade, seguir Jesus significa oferecer-se como "hóstia viva" ao Senhor, desprendendo-se de tudo aquilo que a impede de servir e amar Jesus como sua única riqueza. Neste pequeno excerto de oração, a Madre Trindade mostra-nos que a sua forma de se aproximar da Sagrada Escritura não é igual à de qualquer exegeta, nem à de uma grande mestra espiritual; é, pelo contrário, a de alguém que

²⁴⁸Cf. *Ibidem*, 115.

²⁴⁹Cf. *Ibidem*, 95.

se aproxima com humildade, reconhecendo-se como pequena serva e discípula de Jesus, e que quer participar no seu mistério eucarístico. Em consequência, ela centra a sua atenção num dos momentos mais significativos da vida de Cristo: a quinta-feira santa, a instituição da Eucaristia, pois é aí que culmina a entrega de amor de Jesus pela humanidade.

Na sua perspectiva, Jesus é “vítima” de amor, por amor aos homens. A Madre Trindade tem consciência desse amor incondicional de Deus pelos homens, por isso, deseja estar sempre com Ele para lhe fazer companhia²⁵⁰. Desta forma, podemos dizer que a Madre Trindade é uma contemplativa da Palavra de Deus e do mistério do seu amor, manifestado na pessoa do seu Filho, pois Ele é o pão vivo descido do Céu.

A Madre Trindade, quando cita os textos da Sagrada Escritura nos seus *Escritos*, faz referência a vários temas: Eucaristia, adoração ao santíssimo sacramento, pobreza evangélica, humildade, seguimento, obediência, sofrimento, confiança, fidelidade e fé entre outros. Porém, todas se fundamentam na Eucaristia. Aí, verificamos a sua profunda relação com a Sagrada Escritura, ou seja, com a Palavra de Deus. Vejamos alguns textos que se inserem nos seguintes temas:

a) Eucaristia, adoração ao santíssimo sacramento

Como já foi dito, a Eucaristia é o fundamento de toda a caminhada espiritual da Madre Trindade; nela esta a razão da sua vida, por isso diz: “É esta a terra de bênção e de graças que o Senhor nos prometeu, ao chamar-nos a esta nova vida eucarística em que nos pede para rodearmos o seu Tabernáculo, a fim de o adorarmos em ‘espírito e em verdade’” (Jo 4, 23)²⁵¹.

Para a Madre Trindade, a Eucaristia é o penhor da vida eterna, o alimento que perdura, o lugar onde Deus deseja derramar sobre os homens o seu amor²⁵². Nela está o único Senhor,

²⁵⁰Cf. *Ibidem*, 133-134.

²⁵¹*Ibidem*, 129-130.

²⁵²Cf. *Ibidem*, 60.

Cristo Redentor, que é a certeza da salvação humana: a Ele toda a honra e glória pelos séculos sem fim. A Madre Trindade entendeu que este penhor da vida eterna também é lugar de bênção e de acção de graças. Adorar a Jesus, presente no sacrário em espírito e em verdade, foi sempre o seu ideal de vida, por isso diz: “Uma hora com Jesus...Tendo ouvido a sua voz... Seguimo-lo, e entendemos que se dirigia a nós aquele texto de S. João... ‘Felizes os convidados para o banquete das núpcias do Cordeiro’ (Ap 19, 9)”²⁵³. Para Madre Trindade tudo tem um sabor eucarístico. A sua fé fundamenta-se neste fogo abrasador, onde todo o cristão é chamado a reconhecer a dignidade do cordeiro imolado. Na sua perspectiva o fogo eucarístico é a escada por onde subimos para estarmos com o nosso Mestre:

“...subindo por esta senda... todas juntas, as que vivemos à sombra do Tabernáculo seguindo-o, como nos diz S. João: ‘Regozijemo-nos, alegremo-nos e demos-lhe glória, porque chegaram as núpcias do Cordeiro e as suas esposas já estão preparadas para o receber’ (Ap 19, 7)”²⁵⁴.

Este fogo abrasador não nos deixa fechados em nós próprios, abre-nos ao amor, à alegria, ao louvor, levando-nos a cantar com os anjos do Céu. Nisto converge a alegria da Madre Trindade: louvar a Deus continuamente. Daí que afirme:

“Olhei e vi que estava um cordeiro, como imolado, e ouvi a voz de muitos anjos ao redor do trono. Contavam-se por milhares de milhares... que diziam em alta voz: ‘Digno é o Cordeiro que foi imolado de receber o poder, a riqueza, a sabedoria, a força, a honra, a glória e o louvor’ (Ap 5, 11-12)”²⁵⁵.

A Madre Trindade é uma mulher que contempla o rosto de Jesus eucarístico com paixão e encanto. Para ela, tudo é eucarístico, pois está aí a sua força. O seu enamoramento por Jesus, pão vivo descido do Céu, foi fruto do seu primeiro encontro com Jesus na sua primeira comunhão²⁵⁶. O seu ideal era ser imitadora de Jesus eucarístico. É interessante ver que este seu encanto e enamoramento por Jesus eucarístico a levou a descobrir a importância

²⁵³*Ibidem*, 131.

²⁵⁴*Ibidem*, 133-134.

²⁵⁵Cf. *Ibidem*, 129.

²⁵⁶Cf. C. PALOMO IGLESIAS, *Vida e obra de la Madre Trinidad del Purísimo Corazón de María*, 35.

da presença eclesial, como manifestação do amor de Deus e preparação da mesa eucarística.

Leiamos as suas palavras:

“Então, parecia-me ouvir o seráfico Padre S. Francisco que repetia aquelas palavras da Escritura aplicando-as a nós, desejando incitar as nossas almas à Obra de Deus: ‘A Divina Sabedoria edificou para Si uma casa (a santa Igreja), pôs a mesa com pão e vinho e enviou as suas escravas a convidar a todos, subindo aos lugares mais elevados da cidade’, dizendo-lhes da sua parte: ‘Vinde e comei o meu pão e bebei o meu vinho que preparei para vós’ (Pr 9, 15)”²⁵⁷.

b) Obediência

Para a Madre Trindade a Eucaristia é um acto de obediência de Jesus ao Pai por excelência. Nela, Jesus ensina-nos o caminho da entrega. A sua obediência foi incondicional. Não recusou em nada fazer a vontade de Deus e tudo aceitou com amor e por amor²⁵⁸. A sua vida foi um testemunho, por isso declarou: “O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e consumir a sua obra” (Jo 4, 34). Segundo a perspectiva da Madre Trindade, viver em obediência implica assumir o que é penoso e duro na vida, a ponto de dizer como S. Paulo:

“Se este ideal pudesse ser secundado, por uma instrução mais clara sobre os nossos deveres, levaria todas as almas religiosas a realizar o nosso fim único... ‘Agora, alegro-me nos sofrimentos que suporto por vós e completo na minha carne o que falta às tribulações de Cristo, pelo seu Corpo, que é a Igreja’ (Cl 1, 24)”²⁵⁹.

c) Fé/Confiança

A fé leva-nos a confiar no Deus que é amor. Aí está o segredo da vida da Madre Trindade: a certeza de que em Deus está a sua segurança. A Madre Trindade descobriu que habitar sob o tecto do fogo abrasador da Eucaristia sustentava a sua fé, por isso, diz com S. Paulo: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2, 20)²⁶⁰, ou “... parecia-me sentir um especial alento e fé que fortalecia a minha debilidade... Tive momentos

²⁵⁷M. T. CARRERAS HITOS, *EE III*, 104-105.

²⁵⁸*Ibidem*, 131.

²⁵⁹Cf. M. T. CARRERAS HITOS, *EE I*, 117.

²⁶⁰Cf. *Ibidem*, 117.

horríveis, até que Jesus se apoderou do meu coração, dando-me forças... E repetia com S. Paulo: ‘De tudo sou capaz naquele que me dá força’ (Fl 4, 13)²⁶¹. Nisto está a sua fé em Deus. Por isso, escuta-O como Abraão: “Deixa a tua terra, a tua família e a casa do teu pai, e vai para a terra que Eu te indicar” (Gn 12, 1)²⁶². Para a Madre Trindade, a fé em Deus faz-nos humildes como Maria, que reconheceu pela fé as maravilhas do Deus Criador, por isso canta: “A minha alma glorifica o Senhor ...” (Lc 1, 46-55)²⁶³. Pela fé seguimos Jesus, tomando a cruz dia após dia, renunciando muitas vezes à nossa vontade, para fazer a d’ Ele²⁶⁴ (cf. Mt 16, 24; Mc 8, 34; Lc 9, 23).

4.3. Experiências de discernimento na vida de Madre Trindade

Falar das experiências espirituais da Madre Trindade como verdadeiro caminho de discernimento na sua vida é uma realidade, porque toda a sua caminhada espiritual foi uma busca de Deus. A Madre Trindade não fala do discernimento, no entanto, viveu sempre em discernimento. Toda a sua vida foi uma experiência viva de discernimento como busca da vontade de Deus. Os seus *Escritos* e as suas *Cartas* testemunham-no. Fazer o que Deus quer era o que mais desejava²⁶⁵:

“A vossa vontade adorável que procurava conhecer como o sedento procura a fonte da água viva, aproximou-me do vosso coração eucarístico e ali encontrei a vossa luz divina e a vossa santa lei, ouvindo a vossa palavra divina: ‘Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida...’ (Jo 14, 6); se me seguirdes, encontrar-me-ás; se creres em mim, encontrarás a vida...²⁶⁶”

Nisto está o sentido da vida da Madre Trindade. O seu desejo em querer fazer sempre o que Deus quer é fruto da sua fé, da sua relação com a Palavra de Deus. Segundo a sua perspectiva, a oração é uma arma invencível; quem nela se apoia não está sozinho, vive

²⁶¹M. T. CARRERAS HITOS, *EE IV*, 14.

²⁶²Cf. M. T. CARRERAS HITOS *EE I*, 19.

²⁶³M. T. CARRERAS HITOS, *EE IV*, 95.

²⁶⁴Cf. M. T. CARRERAS HITOS, *EE III*, 120.

²⁶⁵Cf. M. T. CARRERAS HITOS, *EE IV*, 42.

²⁶⁶M. T. CARRERAS HITOS, *ESCRITOS V*, Madrid, 1996, 19.

confiante de que Deus não abandona quem n'Ele espera. Como diz o salmista: “O Senhor é meu pastor: nada me falta”(Sl 23, 1). Sobre a importância da oração afirma a Madre Trindade:

“A oração é invencível e tudo pode. Com esta confiança, estou bem segura de que havemos de cumprir em tudo, com alegria, a vontade do Senhor, embora as coisas pareçam contrárias aos planos que temos. Fazer apenas a sua vontade santíssima, eis o nosso ideal”²⁶⁷.

Este texto mostra-nos a importância da oração para a Madre Trindade. É no encontro com Deus que ela descobre qual é a sua vontade. Na sua perspectiva, a oração é a luz que ilumina todos os homens, o verdadeiro caminho que conduz a Deus, pois, nela, está o sentido da vida humana. Viver na intimidade com Deus, escutando a sua Palavra foi sempre o seu desejo, o seu ideal de vida, por isso, não tomava nenhuma decisão sem se recolher em profunda oração. A Madre Trindade foi uma mulher de oração. Todos os seus *Escritos* e as suas *Cartas* nos revelam a profundidade da fé desta mulher. É aos pés de Jesus sacramentado que ela inclina o coração para escutar a sua suave voz. Para a Madre Trindade a oração é o lugar onde Deus manifesta o seu querer. Por isso faz dela a sua segurança. No seu pensar a oração é algo concreto, é o encontro com a pessoa de Jesus dulcíssimo²⁶⁸. Esta experiência na sua vida mostra-nos o grau da sua relação com Jesus e a confiança que ela deposita n' Ele. Assim, não hesita em obedecer ao seu director espiritual²⁶⁹. Obedecer por intermédio dos pastores da Igreja foi um caminho de entrega e de abnegação. A Madre Trindade ao longo da sua vida fez da Palavra de Deus o seu sustento. Não é possível compreender a vida desta mulher sem este sentido de fé. A Madre Trindade é uma mulher profundamente cristológica. Para ela, Jesus é o centro de tudo, por isso, quando se abeira d'Ele escuta a sua voz que lhe diz:

²⁶⁷M. T. CARRERAS HITOS, *EE IV*, 28.

²⁶⁸Cf. M. T. CARRERAS HITOS, *EE II*, 57.

²⁶⁹Cf. M. T. CARRERAS HITOS, *EE I*, 78.

“Quero conventos de Capuchinhas adoradoras que, unindo a oração e adoração..., se consagrem à contínua adoração do meu amor sacramentado, abandonado no Tabernáculo. Tenho sede de almas!... Eu serei a vossa custódia e amparo. Não temas. Eu estarei contigo, sempre que perseverares unida à minha vontade...”²⁷⁰.

A Madre Trindade confia que Jesus nunca a vai abandonar. Como diz o livro do profeta Isaías: “Nada temas, porque Eu estou contigo; não te angusties, porque Eu sou o teu Deus...” (Is 41, 10). Para a Madre Trindade a confiança em Deus não é uma coisa abstracta, é uma experiência viva, real. Por isso passa horas a rezar para poder tomar decisões, tal como nos relata o evangelista S. Lucas sobre Jesus (cf. Lc 6, 12-16).

Segundo a sua perspectiva viver em perfeita obediência significa, desejando em tudo cumprir a sua vontade, pois este é o caminho mais rápida e mais firme para conseguir a perfeição²⁷¹. Tudo lhe falava de Deus e da sua vontade. Por isso obedecia-lhe através das mediações humanas²⁷². Sendo uma mulher de fé, tudo o que lhe acontecia no seu quotidiano era a manifestação da sua vontade de Deus²⁷³. Seguir os planos de Deus era o que ela mais queria, por isso, estava sempre de coração aberto para obedecer aos seus planos²⁷⁴.

Para a Madre Trindade, viver deste modo é buscar as coisas do alto (cf. Cl 3, 2); em suma, é viver o evangelho de Jesus. Como tínhamos dito na alínea anterior, toda a sua vida foi um caminho de discernimento, de busca da vontade de Deus. Sendo uma mulher de fé, ao longo da sua vida procurou viver a sua fé e confiança em Deus de uma forma plena e concreta.

4.4. Semelhanças de discernimento em S. Francisco de Assis e Madre Trindade

S. Francisco e a Madre Trindade são dois servos de Deus que souberam viver a mensagem do evangelho de Jesus de forma plena. O amor ao evangelho era o seu ideal de

²⁷⁰*Ibidem*, 78-79.

²⁷¹Cf. M. T. CARRERAS HITOS, *EE IV*, 177.

²⁷²Cf. M. T. CARRERAS HITOS, *EE I*, 80.

²⁷³Cf. *Ibidem*, 87.

²⁷⁴Cf. M. T. CARRERAS HITOS, *EE IV*, 34.

vida, descobrindo que só Jesus é digno de toda a fé, por isso, deixaram tudo e seguiram-n'O. A Palavra de Deus foi para ambos o alicerce de toda a caminhada cristã, porque nela está o Verbo encarnado, o Filho de Deus vivo, Aquele que revelou aos homens Deus como Pai de todos. O encontro com Jesus por meio desta palavra transformou as suas vidas, por isso, não descansaram enquanto não descobriam qual era a vontade de Deus para eles. Fazer a vontade de Deus era o que mais lhes agradava. S. Francisco de Assis e a Madre Trindade eram pessoas cheias de Deus e de uma fé inquebrantável.

Para S. Francisco e Madre Trindade, Deus era a única riqueza, Aquele que não abandona os que n'Ele confiam. Estes fizeram da confiança e da fé em Deus a sua única certeza. Apesar das cruces da vida, das incompreensões e dos sofrimentos passados, não deixaram de enfrentar as adversidades, unindo-se à paixão de Cristo. Os seus testemunhos de entrega e de fé em Deus deixam-nos deslumbrados. Ambos souberam abrir-se à graça, por isso, Deus manifestou o seu amor misericordioso por cada um. S. Francisco e a Madre Trindade não eram indiferentes às dádivas de Deus. Nos *Escritos* de ambos encontramos vários testemunhos desse coração agradecido.

Como já dissemos, S. Francisco e Madre Trindade foram tocados e transformados pela graça de Deus, por isso, buscar a vontade de Deus era o que mais lhes agradava. Caminhar segundo o Espírito de Deus foi um processo de discernimento, que ambos fizeram ao longo das suas vidas. Partindo disto, podemos dizer que, apesar de pertencerem a épocas diferentes, com contextos cultural, social e religioso distintos, verifica-se que há linhas de semelhança quanto ao processo de discernimento, na busca da vontade de Deus.

Para a Madre Trindade, S. Francisco foi um dos homens que mais viveu a mensagem de Jesus; daí que a sua vida seja um testemunho. Nos seus *Escritos* cita-o várias vezes, destacando a sua pessoa. Citemos o exemplo: "... Pelo cumprimento fiel de nossa santa regra, devemos imitar o seráfico Padre S. Francisco, que foi o mais perfeito imitador da Vítima

divina, nosso divino Salvador”²⁷⁵. Partindo desta perspectiva podemos dizer que as linhas são várias:

a) A obediência e a pobreza

A obediência e a pobreza em S. Francisco estão muito interligadas. Ambas são meios que ajudam o cristão a descobrir qual é a vontade de Deus a seu respeito. Para S. Francisco, esta obediência significa abandonar tudo o que possui nas mãos do seu superior, aquele que está em nome de Deus²⁷⁶. Na sua perspectiva quem vive deste modo vive segundo a doutrina de Jesus²⁷⁷. Não se trata de obedecer por obedecer, mas de uma obediência que brota do interior, que implica a pessoa toda e a leva a dizer com Jesus: “O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e consumir a sua obra” (Jo 4, 34). Para S. Francisco a obediência é o supremo grau de pobreza, pois o homem renuncia a sua própria vontade por amor a Cristo²⁷⁸.

Do ponto de vista da Madre Trindade, a obediência torna-se um caminho de busca da vontade de Deus quando ela própria aceita as decisões daqueles que a guiam na fé, ajudando-a a discernir a sua vontade²⁷⁹. Na sua visão, Deus manifesta a sua vontade através dos pastores da Igreja, por isso, a eles deve obedecer como os seus enviados²⁸⁰. Por outro lado, este caminho significa imitar o único Mestre, Jesus Cristo, Aquele que sendo rico se fez pobre por amor, obedecendo até à morte e morte de cruz. (cf. Fl 2, 7).

b) Oração

Para além da obediência, os tempos de oração são outro caminho da busca da vontade de Deus. Para Madre Trindade, os encontros com Deus são momentos de uma profunda

²⁷⁵*Ibidem*, *EE I*, 116.

²⁷⁶Cf. K. ESSER, “La perfecta obediência: ‘Admonición 3.ª de San Francisco’”, *S F*, 38 (1984) 234 (trad. em castelhano de Rubén Camps).

²⁷⁷Cf. F. DE ASSIS, *F F I*, 126.

²⁷⁸Cf. K. ESSER, “La perfecta obediência: ‘Admonición 3.ª de San Francisco’”, *S F*, 233.

²⁷⁹Cf. M. T. CARRERAS HITOS, *EE I*, 75.

²⁸⁰M. T. CARRERAS HITOS, *EE IV*, 30.

intimidade que a ajudam a perceber qual é a sua vontade. Por isso, ela considera a oração como algo imprescindível na vida de um cristão; sem ela a vida perde o sentido. Para ela, a oração é algo muito importante, por isso, antes de tomar qualquer decisão escuta a Palavra, silenciando-se para que Ele possa manifestar a sua vontade. Também acredita que Deus manifesta-se através da oração das suas irmãs da comunidade²⁸¹.

Em S. Francisco a oração é também um caminho de busca da vontade de Deus. O encontro com a Palavra de Deus é um momento crucial para discernir aquilo que Deus quer²⁸². Trata-se de escutar com o coração a voz de Deus, abrindo-se à sua graça numa confiança incondicional. Para o jovem de Assis, o encontro com a Palavra de Deus ilumina os olhos daqueles que nela confiam, e capacita-os a viverem em acção de graças ao Deus altíssimo, buscando em tudo a vontade do Pai²⁸³. Na sua visão, os momentos de encontro com Deus são experiências da sua grande manifestação, experiências em que Ele revela a sua misericórdia infinita. Daí que S. Francisco entenda que a Deus se deve louvar: Tu és “santo”, o “bem”, o “sumo bem”²⁸⁴.

c) Eucaristia

O mistério da Eucaristia é o lugar onde S. Francisco e a Madre Trindade descobriram o verdadeiro caminho que conduz a Deus. Nela encontram a Palavra de Deus feito carne, que por amor se fez pobre para obedecer ao Pai, fazendo a sua vontade. Para ambos a espiritualidade eucarística foi o centro da sua vida, foi o lugar onde Deus manifestou-se em plenitude, fazendo-se alimento da vida eterna.

²⁸¹Cf. *Ibidem*, 14.

²⁸²Cf. J. HERRANZ, *El discernimiento en Francisco de Asís: ‘Oh Dios, concédenos querer siempre lo que te agrada’*, 96.

²⁸³Cf. F. DE ASSIS, *F F I*, 128.

²⁸⁴*Ibidem*, *F F I*, 56.

d) Viver o evangelho

Viver o evangelho é o ponto culminante desta busca da vontade do Pai. Tanto S. Francisco como Madre Trindade entendem que este caminho começa na medida em que se contempla o rosto de Cristo, seguindo os seus passos para entender qual é o verdadeiro caminho. Tanto S. Francisco como Madre Trindade descobriram que a Palavra de Deus é o lugar privilegiada para buscar a vontade do Pai. Para ambos o discernimento começa com a escuta da Palavra de Deus, a obediência a esta mesma Palavra.

CONCLUSÃO

Depois de tudo o que foi dito, acerca da Sagrada Escritura como critério de discernimento nas *Fontes Franciscanas*, podemos agora dizer que a Sagrada Escritura foi para S. Francisco de Assis o alicerce de toda a sua vida espiritual. Viver da Palavra e a partir da Palavra de Deus foi o seu ideário de vida, daí que, o evangelho tenha sido a sua regra de vida. Nele está evidenciado o testemunho de Cristo vivo. Sem o marco da Sagrada Escritura é impossível compreender a amplitude da vida de S. Francisco. A sua relação com esta Fonte reflecte uma fé inquebrantável. O pobre de Assis viveu a sua relação com a Palavra de Deus numa atitude de amor e de contemplação, pois nela está o próprio Cristo Filho de Deus. Assim, o místico ao aproximar-se da Sagrada Escritura, tem uma visão contemplativa, porque descobre nela o rosto de Cristo pobre e humilde. A sua profunda fé ajuda-o a viver nesta atitude de amor, reconhecendo Deus Altíssimo, como o “sumo bem”, “todo o bem”.

A Sagrada Escritura teve um lugar importante na vida de S. Francisco. Os seus *Escritos* comprovam que ela foi para o santo de Assis, o fundamento da sua relação com Deus. É escutando a Palavra de Deus que S. Francisco descobre a sua vocação de discípulo de Cristo: “se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens e dá aos pobres, e terás um tesouro nos céus” (Mt 19, 21); “Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz, dia após dia, e siga-me” (Lc 9, 23). A Palavra de Deus foi na vida de S. Francisco um motor incontrolável. As variadíssimas citações bíblicas em todos os seus *Escritos* mostram-nos a sua profunda relação com a Palavra de Deus, o seu enamoramento e encantamento pelo Verbo encarnado, Jesus Cristo.

As suas vinte e sete *Exortações* testemunham a sua profunda experiência espiritual, o seu contacto com a Sagrada Escritura. Ao longo da nossa exposição verificamos nestas *Exortações* a profundidade da fé de S. Francisco, da sua relação com a Palavra de Deus, da

sua alegria de viver a mensagem das Bem-aventuranças. Sendo um homem de Deus, procurou em tudo fazer o que mais lhe era agradável.

Tal como para S. Francisco, também para a Madre Trindade a Sagrada Escritura foi o lugar da epifania de Deus, "... o Verbo fez-se homem e veio habitar connosco..." (Jo 1, 14). Nela encontrou o sentido da sua existência, o caminho que conduz à plena comunhão com Deus. No seu pensamento, a Palavra de Deus revelada no mistério da Eucaristia foi a rocha firme da sua vida espiritual, por isso procurou ao longo da sua vida ser-lhe fiel, buscando sempre a sua vontade. Para a Madre Trindade buscar a vontade de Deus mediante a escuta da Palavra foi um caminho de discernimento da busca de Deus. Os seus *Escritos* e as suas *Cartas* revelam a sua profunda relação com a Sagrada Escritura. De facto, viveu o evangelho de forma absoluta.

Para S. Francisco e a Madre Trindade, a Sagrada Escritura é um meio indispensável para buscar e discernir a vontade de Deus. Na sua perspectiva, viver o evangelho de forma absoluta significa fazer a vontade do Pai; assumir com a vida estas palavras da Sagrada Escritura: "O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e consumir a sua obra" (Jo 4, 34); "Eu venho, senhor, para fazer a vossa vontade" (Sl 39, 40), "Nem todo o que me diz: 'Senhor, Senhor' entrará no Reino do Céu, mas sim aquele que faz a vontade de meu Pai que está no Céu." (Mt 7, 21); "Aí estão minha mãe e meus irmãos; pois, todo aquele que fizer a vontade de meu Pai que está no Céu..." (Mt 12, 49-50; cf. Mc 3, 34-35); "...Mas não se faça o que Eu quero, e sim o que Tu queres (Mc 14, 36).

Com estas citações bíblicas podemos terminar, dizendo que a Sagrada Escritura foi para estes dois servos de Deus um critério de discernimento por excelência, em busca da vontade de Deus, pois descobriram que ser obediente à Palavra de Deus é fazer a sua vontade, por isso ambos deixaram tudo e seguiram Jesus (cf. Lc 5, 11). S. Francisco e a Madre

Trindade descobriram que nela está o caminho da felicidade, que é o caminho de encontro com Deus.

BIBLIOGRAFIA

1. FONTES

A Bíblia de Jerusalém, Ed. Paulinas, S. Paulo, 1985.

Bíblia Sagrada, Ed. Difusora Bíblica, Lisboa, 1998.

Novo Testamento interlinear, Grego - Português, Ed. Sociedade Bíblica, Barueri, 2007 (tradução de João Ferreira de Almeida).

ASSIS, FRANCISCO DE, *Fontes Franciscanas*, Ed. Franciscana, 3ª Edição, Braga, 2005.

CARRERAS HITOS, MADRE TRINIDAD, *Escritos I*, Madrid, 1993.

....., *Escritos II*, Madrid, 1993.

....., *Escritos III*, Madrid, 1993.

....., *Escritos IV*, Madrid, 1996.

....., *Escritos V*, Madrid, 1996.

Regras de Vida: Constituições, ESCRAVAS DA SANTÍSSIMA EUCARISTIA E DA MÃE DE DEUS, Madrid, 2012.

2. INSTRUMENTOS DE TRABALHO

BASTINA, SEBASTIAN - DIEZ MACHO, ALEJANDRO, *Enciclopédia de la Biblia*, I-VI, Ed. Gárriga, Barcelona, 1963-1965.

CHANTRAINE, P., *Dictionnaire etymologique de la langue grecque. Histoire de mots*, Ed. Klincksieck, Paris, 1999.

LÉON-DUFOUR, X., *Vocabulário de Teologia Bíblica*, Vozes, Petrópolis, 1972.

PIKAZA, X., *Diccionario de la Biblia: História y Palavra*, Ed. Verbo Divino, Navarra, 2007.

VICENT, A., *Dicionário Bíblico*, Ed. Paulinas, São Paulo, 1969.

VAN DEN BORN, A., *Dicionário Enciclopédico de la Bíblia*, Ed. Vozes, 4ª Edição, Petrópolis, 1987.

3. ESTUDOS

ALVES, H., *S. Francisco e a Palavra de Deus*, Ed. Centro de Estudos Franciscanos, Difusora Bíblica, Porto, 2011.

AMUNÁRRIZ, M., *Load y bendecid a mi Señor, El mundo interior de Francisco y Clara de Asís*, Ed. Franciscana, Arantzazu, 2002.

ÀVILA I SERRA, M., *Los ojos del espíritu: comentario a las ‘admoniciones’ de Francisco de Asís*, Ed. Franciscana, Arantzazu, 2001.

AZEVEDO, DAVID DE, (ed), *Francisco de Assis nosso irmão*, Ed. Franciscana, Braga, 1995.

-----, *São Francisco fé e vida, ‘Espiritualidade Franciscana: reflexões’*, Ed. Franciscana, 2ª Edição, Braga, 2003.

CAMACHO, F., *La proclama del reino: Análisis semántico y comentario exegético de las bienaventuranzas de Mt 5, 3-10*, Ed. Cristiandad, Madrid, 1987.

DOZZI, D., “*Así dice el Señor*” *El Evangelio en los escritos de San Francisco*, Ed. Franciscana, Arantzazu, 2003.

ESSER, C., *As Exortações de S. Francisco de Assis*, Ed. Franciscana, Braga, 1976 (trad. em português de David de Azevedo).

GARRIDO, J., *Francisco de Assis: Itinerário espiritual, problemas e perspectivas*, Ed. Franciscana, Braga, 2008 (trad. em português de José David Antunes).

HERRANZ, J., *El discernimiento en Francisco de Asís: ‘Oh Dios, concédenos querer siempre lo que te agrada’*, Ed. Fronteira, Vitoria, 2009.

-----, “*EL discernimiento Franciscano, en torno a los problemas de nuestra vida actual*”, XXXIV Semana interprovincial, Madrid, 2006.

ORLANDIS, JOSÉ, *8 Bem-aventuranças: Ser discípulo de Cristo, no início do terceiro milénio*, Ed. Rei dos livros, Lisboa, 1998.

PALOMO, I. C., *Vida e obra de la Madre Trinidad del Purísimo Corazón de María*, Madrid, 2000.

VAUCHEZ, A., *Francisco de Assis: Entre história e a memória*, Ed. Instituto Piaget, Lisboa, 2013.

4. REVISTAS

ALCALDE, V., “El itinerario de discernimiento espiritual en San Francisco visto desde el corpus de las admoniciones”, *Verdad y Vida*, 47 (2006) 389-422.

ANDIA, YSABEL DE, “A pureza de coração”, *Communio*, Ano V, 5 (1988) 416-432.

AUBERGER, J. B., “La fraternidad franciscana”, *Selecciones de Franciscanismo*, 53 (1989) 207-225.

AZZIMONTI, F., “La oración de San Francisco”, *Selecciones de Franciscanismo*, 7 (1974) 13-23 (trad. em castelhano de José López).

BEER, FRANCIS DE, “La génesis de la fraternidad franciscana”, *Selecciones de Franciscanismo*, 31 (1982) 49-74.

COLLOT, A., “La fraternidad en las Admoniciones”, *Selecciones de Franciscanismo*, 94 (2003) 141-145 (trad. em castelhano de José Juan López Valdivieso).

DOZZI, D., “La Palabra de Dios en la vida y en la misión de Francisco de Asís”, *Verdad y Vida*, 254 (2009) 61-81.

ESSER, K., “La palabra de Dios en S. Francisco”, *Selecciones de Franciscanismo*, 56 (1990) 189-204 (trad. em castelhano de Egon Küter e de José Vet. Herrero).

....., “El humilde siervo de Dios: ‘17 Exhortación de San Francisco’”, *Selecciones de Franciscanismo*, 5 (1973) 185-189 (trad. em castelhano de Jesús Sanjuán).

....., “‘El Cuerpo del Señor’: ‘adimonición 1.^a de San Francisco’”, *Selecciones de Franciscanismo* 35 (1983) 192-208 (trad. em castelhano de Rubén Camps).

....., “La perfecta obediência: ‘Admonición 3.^a de San Francisco’”, *Selecciones de Franciscanismo*, 38 (1984) 232-242 (trad. em castelhano de Rubén Camps).

....., “El amor: Admonición 9.^a de San Francisco”, *Selecciones de Franciscanismo*, 41 (1985) 211-216 (trad. em castelhano de Rubén Camps).

FERNÉNDEZ, M^a C., “La Eucaristía en los escritos de San Francisco de Asís”, *Verdad y Vida*, 61 (2003) 497-528.

FOREL, G., “Francisco, hombre de fe”, *Selecciones de Franciscanismo*, 5 (1973) 119 (trad. em castelhano de Augusto Rieta).

GNILKA, J., “Bem-Aventurados os puros de coração”, *Communio*, Ano V, 5 (1988) 389-396 (trad. em alemão de A. Vieira).

GUERRA, J. A., “El encuentro con Dios, experiencia central de Francisco”, *Selecciones de Franciscanismo* 84 (1999) 435-465.

HIPOLITO, I., “A ‘sequência’ das Bem-aventuranças (Mt 5, 3-16) à luz da retórica bíblica”, *Theologica*, Braga, 2^o Série, Vol. XLII, 1 (2007) 113-132.

HUBAUT, M., “Cómo discierne Francisco la voluntad de Dios”, *Selecciones de Franciscanismo*, 28 (1981) 67-74 (trad. em de José Carrillo).

KOHLER, J., “Vida Franciscana y discernimiento”, *Selecciones de Franciscanismo*, 40 (1985) 145-148.

LECLERC, É., “Francisco de Asís, maestro de oración”, *Selecciones de Franciscanismo*, 56 (1990) 213-229 (trad. em castelhano de Rubén Camps).

LOURENÇO, J., “O desafio bíblico à felicidade em Mt 5, 6” *Communio*, Ano VII, 5-15 (1990) 398-411.

....., “S. Francisco de Assis e a Palavra de Deus”, *Bíblica, Série Científica*, 18 (2009) 123-138.

LÓPEZ, S., “Transcendencia y exclusividad de Dios en San Francisco”, *Selecciones de Franciscanismo*, 3 (1972) 52-68.

....., “Espíritu, Palabra, Eucaristía, Iglesia”, *Selecciones de Franciscanismo*, 20 (1978) 269-286.

....., “La Eucaristía en la experiencia cristiana de Francisco y Clara”, *Selecciones de Franciscanismo*, 72 (1995) 347-374.

....., “Francisco, el hombre-oración”, *Selecciones de Franciscanismo*, 7 (1974) 51-56.

MICÓ, J., “Adorar al Señor Dios, La oración de S. Francisco y S. Clara”, *Selecciones de Franciscanismo*, 56 (1990) 177-212.

MOTTE, I. E., “Se llamarán ‘hermanos menores’” *Selecciones de Franciscanismo*, 12 (1975), 274-280 (trad. em castelhano de Rubén Camps).

MATURA, T., “Las Admoniciones, llave y puerta de los escritos de Francisco”, *Selecciones de Franciscanismo*, 86 (2000) 221-226 (trad. em castelhano de Juan Oliver).

....., “La fraternidad, realidad humana y signo evangélico”, *Selecciones de Franciscanismo*, 15 (1976) 306-311.

NEVES, J. CARREIRA DAS, “Francisco de Assis e a paz”, *Communio*, Ano VI, 5 (1989) 127-140.

POMPEI, A., “La Fraternidad en los Escritos de Francisco”, *Selecciones de Franciscanismo*, 81 (1998) 411-468.

SERRI, C., “Francisco de Asís y la Palabra de Dios”, *Selecciones de Franciscanismo*, 100 (2005) 81-95.

SANTO, N., “Fraternalidad franciscana”, *Selecciones de Franciscanismo*, 21 (1978) 400-411.

STEINER, M., “La experiencia de la fraternidade en San. Francisco de Asís”, *Selecciones de Franciscanismo*, 19 (1978) 97-115.

....., “Seguir las huellas de la humildad de Cristo”, *Selecciones de Franciscanismo*, 20 (1978) 193-209 (trad. em francês de Joaquín M. Beltrán).

....., “El Espíritu Santo y la fraternidad: según los escritos de san Francisco”, *Selecciones de Franciscanismo*, 31 (1982) 75-85 (trad. em francês de Joaquín M. Beltrán).

....., “Todos vosotros, hermanos menores y siervos inútiles (1R 23,7): El ‘siervo’ en los Escritos de San Francisco”, *Selecciones de Franciscanismo*, 24 (1979) 376 (trad. em francês de José Carrillo).

TOPPI, F. J., “Francisco, enséñanos a orar!”, *Selecciones de Franciscanismo*, 19 (1978) 21-59 (trad. em castelhana de Salvador Biain e Rúben Camps).

....., “Espíritu y vida de oración de nuestro Padre san Francisco”, *Selecciones de Franciscanismo*, 7 (1974) 24-34 (trad. em castelhana de Salvador Biain e Rúben Camps).

URIBE, F., “Presupuestos y principios básicos del discernimiento”, *Selecciones de Franciscanismo*, 84 (1999) 337-356.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO GERAL	1
Siglas e abreviaturas	7
Sagrada Escrituras	7
<i>Fontes Franciscanas</i>	8
Outras	8
1. CAPÍTULO: INTRODUÇÃO ÀS FONTES FRANCISCANAS	9
Introdução	9
1.1. Contextualização do autor dentro das <i>Fontes</i>	9
1.2. Estruturação das <i>Fontes</i>	11
1.3. Temas dentro das <i>Fontes Franciscanas</i>	13
1.3.1. Oração	13
1.3.2. Fraternidade	17
1.3.3. Menoridade/Humildade	20
1.3.4. Eucaristia	20
2. CAPÍTULO: OS AVISOS ESPIRITUAIS DE S. FRANCISCO DE ASSIS	23
Introdução	23
2.1. Contexto e organização dos <i>Avisos Espirituais</i> dentro das <i>Fontes Franciscanas</i>	23
2.2. O que são os ‘ <i>Avisos Espirituais</i> ’ segundo as <i>Fontes Franciscanas</i>	29
2.3. Referência particular às <i>Exortações</i>	29
2.3.1. Dimensão bíblica	29
2.3.2. Dimensão cristológica	31
2.4. Recurso ao Evangelho de S. Mateus nos <i>Escritos</i> de S. Francisco	33
2.5. Ocorrência da palavra Bem-aventurança nas <i>Exortações</i>	34
3. CAPÍTULO: O LUGAR BÍBLICO DAS BEM-AVENTURANÇAS	36
Introdução	36
3.1. Contexto bíblico das Bem-aventuranças	36
3.2. O que são as Bem-aventuranças	39
3.3. Importância das Bem-aventuranças no Evangelho de São Mateus.	40

3.4. As Bem-aventuranças nas <i>Exortações</i> como critério de discernimento segundo as <i>Fontes Franciscanas</i>	42
3.4.1. 13 ^a <i>Exortação</i> : A Paciência	42
3.4.2. 14 ^a <i>Exortação</i> : A Pobreza de espírito	43
3.4.3. 15 ^a <i>Exortação</i> : A Paz	44
3.4.4. 16 ^a <i>Exortação</i> : A Pureza de coração	45
3.5. S. Francisco de Assis mestre em discernimento	47
4. CAPÍTULO: A SAGRADA ESCRITURA FUNDAMENTO ESPIRITUAL NA VIDA DE MADRE TRINDADE	51
Introdução	51
4.1. Quem é Madre Trindade	51
4.2. A Importância da Sagrada Escritura na vida de Madre Trindade	54
4.3. Experiências de discernimento na vida de Madre Trindade	60
4.4. Semelhanças de discernimento em S. Francisco de Assis e Madre Trindade	62
CONCLUSÃO	67
BIBLIOGRAFIA	70
1. FONTES	70
2. INSTRUMENTOS DE TRABALHO	70
3. ESTUDOS	71
4. REVISTAS	72
ÍNDICE	76